



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TAYSA MORAIS COELHO

***CONEXÕES URBANAS, UM PROGRAMA DE TV QUE TENTA ACABAR COM O  
“APARTHEID SOCIAL”***

Rio de Janeiro  
2013

TAYSA MORAIS COELHO

***CONEXÕES URBANAS, UM PROGRAMA DE TV QUE TENTA ACABAR COM O  
“APARTHEID SOCIAL”***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Liv Rebecca Sovik

Rio de Janeiro  
2013

**CONEXÕES URBANAS, UM PROGRAMA DE TV QUE TENTA ACABAR COM O  
“APARTHEID SOCIAL”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Jornalismo.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Liv Rebecca Sovik – orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Ilana Strozenberg

---

Prof. Dr. Micael Maiolino Herschmann

Rio de Janeiro  
2013

COELHO, Taysa Morais.

*Conexões Urbanas*, um programa de TV que tenta acabar com o “apartheid social”/  
Taysa Morais Coelho – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2013 72f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
Escola de Comunicação, 2013.

Orientação: Liv Rebecca Sovik

1. Grupo Cultural AfroReggae e o processo de valorização do pobre. 2. A transição da representação e visão das favelas e seus moradores ao longo das décadas. 3. Análise do programa conexões urbanas. I. Sovik, Liv (orientadora) II. ECO/UFRJ III. Jornalismo IV. *Conexões Urbanas*, um programa de TV que tenta acabar com o “apartheid social”

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a oportunidade de entrar em uma faculdade pública de qualidade e ter permitido que eu me formasse no curso de Jornalismo.

Aos meus pais, Cleide e Jorge, por serem meus maiores exemplos de perseverança e alegria. Tenho muito orgulho de vocês.

À minha irmã, Raysa, e ao meu namorado, João, pela paciência e auxílio nos momentos mais complicados do trabalho.

À Tia Solange, professora da escola municipal onde estudei, que teve a bondade, a paciência e a disponibilidade para me preparar, gratuitamente, para as provas do CAp/UFRJ, em 1994. Se não fosse ela, muito provavelmente não estaria me formando em uma faculdade pública.

À minha orientadora Liv Sovik, pela dedicação ao meu trabalho nos últimos meses e por ser um exemplo de mestre. Obrigada pelos conselhos, dicas e livros emprestados.

## RESUMO

COELHO, Taysa Moraes. ***Conexões Urbanas, um programa de TV que tenta acabar com o “apartheid social”***. Orientadora: Liv Rebecca Sovik. Rio de Janeiro, 2013. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 72f.

Este trabalho pretende analisar as primeiras cinco temporadas do programa *Conexões Urbanas*, exibidas, entre 2008 e 2012, no canal de TV por assinatura Multishow. O objetivo desta monografia é observar com a atração tenta atingir as finalidades propostas no primeiro episódio: “acabar” com o “apartheid social” e criar elos entre os diferentes guetos nos quais a sociedade se dividiu. Para isso, foram assistidos 85 episódios, que contam com temas que variam entre violência, periferias, drogas, pirataria de bens, polícia, sistema carcerário, empregabilidade e entre outros. O foco principal desta monografia são os programas que trabalham com tópicos relacionados à questão da distância entre classes sociais, pobreza e preconceitos.

## ABSTRACT

COELHO, Taysa Morais. *Conexões Urbanas, um programa de TV que tenta acabar com o “apartheid social”*. Orientadora: Liv Rebecca Sovik. Rio de Janeiro, 2013. Monografia (Graduação em Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 72f.

This monograph analyses *Conexões Urbanas*, a television program broadcast for five seasons, from 2008 to 2012, on the Brazilian cable channel Multishow. The objective is to observe the ways the show achieves the objective it sets for itself in the first episode: ending the “social apartheid” and creating links between the different ghettos into which society is divided. To this effect, 85 episodes of the show were watched, on issues like violence, poor neighborhoods, drugs, piracy of goods, the police, the penal system, employability and others. This monograph focuses mainly on episodes on topics like the distance between social classes, poverty and prejudices.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. GRUPO CULTURAL AFROREGGAE E O PROCESSO DE VALORIZAÇÃO DO POBRE.....</b>	<b>13</b>
<b>3. A TRANSIÇÃO DA REPRESENTAÇÃO E VISÃO DAS FAVELAS E SEUS MORADORES AO LONGO DAS DÉCADAS.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1 Morro: da riqueza à pobreza em questão de décadas.....</b>	<b>21</b>
<b>3.2 O estigma de classe perigosa.....</b>	<b>24</b>
<b>3.3 E a favela (re)aparece “bem na fita”.....</b>	<b>28</b>
<b>4. ANÁLISE DO PROGRAMA CONEXÕES URBANAS.....</b>	<b>37</b>
<b>4.1 Temas recorrentes nas cinco primeiras temporadas.....</b>	<b>43</b>
4.1.1 Sistema carcerário.....	43
4.1.2 Bandidos.....	48
4.1.3 Favela.....	54
4.1.4 Preconceitos: social, racial e de gêneros.....	56
4.1.4.1 Homofobia.....	56
4.1.4.2 Preconceito contra a mulher.....	59
4.1.4.3 Preconceito racial.....	63
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>66</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>69</b>



## 1. INTRODUÇÃO

*Conexões Urbanas* é um programa de TV transmitido no canal por assinatura Multishow, criado pelo Grupo Cultural AfroReggae e apresentado pelo coordenador executivo da ONG, José Junior. A atração tem o mesmo nome de outro projeto do GCA (que levava uma série de cantores para se tocarem nas favelas mais violentas do Rio de Janeiro) e apresenta, questões relacionadas a minorias, estratos da sociedade que sofrem preconceito ou são marcados por estereótipos (sejam pobres, gays, negros, nordestinos, prostitutas etc.). O semanal busca mostrar um Brasil que muitos brasileiros desconhecem.

O primeiro episódio do programa de TV foi ao ar em outubro de 2008 e, nele, Junior cita o conceito “apartheid social”. “O centro do conceito de apartação está em que o desenvolvimento brasileiro não provoca apenas desigualdade social, mas uma separação entre grupos sociais” (BUARQUE, 2001: 33). Segundo o apresentador, um dos objetivos do *Conexões Urbanas* é acabar com essa segregação causada pelas diferenças de classes.

O mundo tem hoje mais de um bilhão de pessoas vivendo em periferias. Muros, alarmes e cães de guarda fazem parte da paisagem urbana, do apartheid social, da inércia do medo, da falta de informação e do preconceito. O *Conexões Urbanas* não é um programa de TV, é o braço televisivo de um movimento social. É o coroamento de uma trajetória que finalmente chega à tela da televisão. O objetivo é acabar com o apartheid social. Criar elos de conhecimento, cultura e afetividade entre os diversos guetos em que a sociedade se dividiu. Ricos e pobre, brancos e negros. (JUNIOR, 2008)<sup>1</sup>

Este trabalho visa analisar os recursos utilizados pela produção do programa para atingir tais objetivos citados no episódio primeiro. Serão analisadas as cinco primeiras temporadas da atração, exibidas entre 2008 e 2012. Todos os episódios estão disponíveis no canal do AfroReggae do serviço de compartilhamento de vídeos Vimeo. Para isso, assisti a todos os 85 episódios, prestando a atenção em detalhes, como perfil dos entrevistados, escolha de temas, gestuais de entrevistador e entrevistados, palavreado e expressões usadas, locações, entre outros fatores. Vale destacar que o programa aborda assuntos que envolvem todo o tipo de minorias sociais, mas, nesta monografia, dei uma maior atenção às questões relacionadas a moradores de periferias, como o funcionamento do sistema carcerário, os preconceitos, a favela em si e os bandidos. Relatarei como esses temas, recorrentes ao longo dos cinco anos,

---

<sup>1</sup> Fala de José Junior realizada no primeiro episódio do *Conexões Urbanas*, “Violência e Prevenção”, exibido em outubro de 2008. Vídeo disponível em: <<http://vimeo.com/30027320>>. Data de acesso: 30/11/2013.

foram abordados. De que maneira José Junior e sua equipe pretendem mostrar seus personagens a fim de acabar com os preconceitos? O que essas pessoas, tantas vezes caladas ou estereotipadas, têm a dizer?

Realizar um trabalho de conclusão de curso sobre o programa foi uma decisão facilmente tomada porque, como moradora por 15 anos de uma favela, me identifico muito com os temas abordados. Morava na Babilônia, no Leme, e estudei a vida toda em um colégio federal cuja grande maioria dos alunos era composta por pessoas de classe média alta. Vivi de perto as duas realidades e durante todo esse tempo presenciei preconceito de ambas as partes: era gente chamando de "favelado" de um lado e "playboy nojento" do outro. Sempre tive em mim um pouco dos dois: a instrução e pensamento crítico dados pelo ótimo ensino do CAP/UFRJ e, ao mesmo tempo, só compreendi depois de adulta que não é normal passar por homens armados, vendendo drogas na porta de sua casa e dar "bom dia".

Meu objetivo ao fazer este trabalho é analisar um dos poucos programas da TV que buscam demonstrar essa realidade de uma maneira mais transparente, falando a língua de quem mora na favela e dando voz e rosto a tantas pessoas. É de perder as contas quantas pessoas boas que conheço que já foram do tráfico. Meninos sem instrução ou homens desempregados que entraram para o crime. O Leleco, por exemplo era tímido, mas estava sempre rindo. Um dia houve operação da polícia e soube que ele tinha sido assassinado. Tinha entrado para a boca de fumo havia uma semana e tomou um tiro de fuzil na cabeça. O então namorado de uma vizinha e amiga de infância, traficante, foi morto pela polícia, no meio do morro, em outra operação. São pessoas que vemos desde pequenos, que têm nome, rosto, características e personalidades. Não são mais um número ou um bandido mau e perigoso como sempre é vinculado. Há muito mais por trás.

São histórias que fizeram parte do meu dia a dia - e ainda fazem - e que muitas pessoas com quem convivo ou convivi não sabem. No colégio, minha mãe pedia para que eu falasse que morava na ladeira, porque tinha medo que eu sofresse com preconceito. Eu era loira, de olhos azuis e fugia do estereótipo de "favelada", ninguém sequer desconfiava. E exatamente por causa do meu silêncio que ouvi tantas piadas preconceituosas, julgamentos errados e uma imagem completamente distorcida da favela. Por outro lado, como disse anteriormente, a recíproca era verdadeira e via muitos moradores do morro, principalmente jovens, que também tinham um olhar cheio de preconceito, achando que todo mundo que morava “na rua” era metido, nojento e olhava torto. A bem da verdade, é um pensamento e atitude de quem está na agindo na defensiva.

Tenho a sorte de ter tido a oportunidade de conhecer o melhor dos "dois lados" - que na realidade é um só. Morro e asfalto compõem juntos uma mesma cidade e, na teoria, todos vivem sob as mesmas leis. Apesar de as políticas implementadas para unir fisicamente as duas partes – como as pacificações das favelas – o que foi gerado, pelo menos até então, foi uma via de mão única. A favela virou atração turística, recebe bem os visitantes e ganha dinheiro com isso. Mas o povo do asfalto não dá a mesma oportunidade para os moradores do morro entrarem em suas festas, restaurantes e usufruírem de espaços comuns livremente. Esse encontro entre asfalto e morro, o reconhecimento dessas pessoas pelos moradores que chamamos de “da rua”, talvez possa ser realizado através de programas como o *Conexões Urbanas*.

No primeiro capítulo desse trabalho falarei sobre o surgimento do Grupo Cultural AfroReggae. Mostrarei como o arrastão na praia do Arpoador – ocorrido em 1992 -, uma festa chamada Ragga Reggae Dancing e a chacina de Vigário Geral resultaram no surgimento de uma das maiores ONGs do país. Aqui, traçarei um panorama de como a formação do GCA e suas filosofias influenciam a produção do *Conexões Urbanas* em relação à temática, aos recursos usados e à maneira como abordam os assuntos. Relatos do livro *Da favela para o mundo: A história do Grupo Cultural Afro Reggae* (2006), de José Junior, ajudam a entender melhor a história do coordenador executivo da ONG e do GCA.

No segundo capítulo, irei expor como a favela e seus moradores são vistos desde 1860, quando o primeiro morro ganhou barracos no Rio de Janeiro, até os dias de hoje. A ideia é mostrar vários dos possíveis estereótipos já traçados, seja por parte das camadas dominantes da população ou através das principais mídias de cada época. Para escrever essa seção, farei uma pesquisa em livros sobre a reforma urbana do Rio de Janeiro, procurarei por dados históricos e analisarei programas de TV e filmes para descobrir como se deu transição da imagem do favelado de sempre feliz, passando pelo malandro, chegando ao marginal.

Em pesquisa publicada no ano de 2003, Nonato (2003, p.102) dá conta de que os moradores da Cidade Alta, quando incentivados a se autotransclassificar respondiam frequentemente que eram “pobres, remediados e trabalhadores”, mas nunca favelados. A autora percebeu em seu trabalho de campo a prática recorrente dos moradores de imputarem uns aos outros, na forma de censura, a identidade favelado, sempre que algum deles tomava atitudes consideradas alheias aos “padrões exigidos pela boa educação”. (ANSEL, 2011: 121)

O que poderemos observar é que, praticamente ao longo de toda a História, a imagem disseminada e desenhada dos moradores de comunidade quase sempre é feita por terceiros,

por pessoas de fora da favela, que têm voz ativa e conseguem impô-las como verdades. Filmes, programas de TV e impressos mostram não apenas favelados, mas minorias de um modo geral, da maneira com as interpretam, em uma espécie de releitura externa. Na terceira parte do segundo capítulo, traçarei um panorama de como a periferia é mostrada nas mídias nos anos 2000, principalmente na televisão. O número de programas que trazem o pobre como personagem principal tem aumentado, mas, apesar da abertura de espaço na grade de programação, o estereótipo e a visão de terceiros sobre o assunto ainda predominam.

No terceiro capítulo farei uma análise das cinco primeiras temporadas do *Conexões Urbanas*. Entre 2008 e 2012, foram ao ar 85 episódios de 30 minutos cada (contando com o intervalo comercial). Observei qual público-alvo o programa deseja atingir e como a atração lida com seus patrocinadores e inserções publicitárias e até que ponto elas podem atrapalhar a credibilidade da mensagem que se deseja passar. No mesmo capítulo, investigarei os temas recorrente, relacionados à temática das periferias e minorias sociais. Eles serão separados em quatro grupos: sistema carcerário, bandidos, favela e preconceito, esse último subdividido em três categorias (mulher, negro e homossexuais). Analisarei como, ao longo dos cinco anos, o programa abordou esses assuntos e quais recursos foram usados para atingir o objetivo central da atração: acabar com o “apartheid social” e criar elos de conhecimento, cultura e afetividade entre os guetos em que a sociedade se dividiu.

## 2. GRUPO CULTURAL AFROREGGAE E O PROCESSO DE VALORIZAÇÃO DO POBRE

O Grupo Cultural AfroReggae (GCA) é uma organização não governamental reconhecida mundialmente, que tem em seu comando José Junior. A ONG, que coleciona prêmios como Juventude e Cidadania, da UNESCO, e Stop Racism, do Ministério de Multicultura do Canadá, conta com diversos subprojetos, que acontecem em seis diferentes núcleos espalhados por comunidades carentes do Rio de Janeiro – sem falar do projeto que desenvolvem em Cabo Verde, na Angola, e workshops que realizam em bairros pobres de países como Londres e Portugal.

Uma das missões do projeto, que hoje é visto como um exemplo de sucesso, é competir com o tráfico em relação à atenção dos jovens de comunidades pobres e dar a eles um emprego, aumentar a autoestima e minimizar o apartheid social e o estigma de “cidade partida”. O preconceito social e racial sempre existiu e o GCA, tenta, desde seu surgimento, combatê-los e, ao mesmo tempo, fortalecer a cultura e a produção local e mostrá-la ao mundo como algo de valor e não apenas como um produto exótico ou produzido por pobres e que é admirado apenas por isso.

O que hoje pode ser tido com um exemplo de sucesso e é usado como inspiração para diversos movimentos sociais, começou, sem pretensão. Na realidade, José Junior, então um jovem de 21 anos criado no Centro do Rio, local, à época, repleto de prostitutas, jogatina e criminalidade, começou a promover bailes funk como forma de sair da ociosidade. Segundo ele, "essa rapaziada que colaborava na produção das festas da rua tinha em comum uma forte preocupação com a violência. Quase todo mês morriam amigos nossos" (JUNIOR, 2006: 23).

Em outubro de 1992, um evento apavorou os moradores da Zona Sul da cidade e estampou as páginas dos jornais. Em um domingo de sol daquele mês, as galeras de Vigário Geral e Parada de Lucas – favelas vizinhas que pertenciam a facções criminosas rivais - se encontraram na praia do Arpoador e brigaram entre si. Em meio à confusão, houve quem aproveitasse a situação para realizar furtos.

O jornal *Folha de S. Paulo* do dia seguinte dizia que “Ladrões em bando atacam banhistas em Copacabana e Ipanema no primeiro final de semana de praias cheias”(1992). Já o *Estado de São Paulo* afirmava que “Há quem já tenha decidido mudar ou deixar de ir a

praia e ao mesmo tempo um ‘exército’ de reação se formou, declarando guerra a gangues” (BARREIROS, 1992). O pânico generalizado iniciado com a briga acabou sendo associado a uma das principais manifestações culturais da periferia à época, o funk. O ocorrido se deu em pleno período eleitoral e satisfazer os eleitores se fazia necessário. Assim sendo, foi proibida na cidade a realização de festas funk ou da execução do ritmo em eventos.

“Os funkeiros foram transformados em bodes expiatórios para todos os problemas da cidade, pensei que dali para frente só o pior poderia acontecer. Os grupos sociais passariam a viver isolados e apavorados”, disse Hermano Vianna em um artigo publicado na *Revista Eventual* e reproduzido no livro *Abalando os anos 90: funk e hip hop, globalização, violência e estilo* (HERSCHMANN, 1997). No mesmo texto, o antropólogo ressalta o caráter dúbio da mídia que execrava o movimento funk, e como o mesmo conseguia mostrá-lo, ao mesmo tempo, como violento ou incrível, dependendo de quem difundisse. Aparentemente, o problema era o preconceito com o pobre. “A verdade é que o isolamento do funk (e o isolamento do Rio pobre) foi uma ilusão de ótica. As mesmas mídias que viam os funkeiros como demônios faziam da Xuxa a embaixatriz do funk.” (VIANA apud HERSCHMANN, 1997: 18) Em plena década de 1990, a apresentadora chamava o DJ Malboro para participar de seus programas, assim como o convidou, juntamente com outros DJs e MCs, para fazer uma participação no filme *Lua de Cristal* (1990).

Na realidade, calar o ritmo era calar quase um milhão de vozes. Vozes de pessoas pobres, moradoras de áreas muitas vezes sem o mínimo de estrutura, que todos os finais de semana se reuniam para dançar músicas cujas letras não entendiam e ganhavam versões aporuguesadas. Na década de 90, em todo Grande Rio, eram realizados, a cada final de semana, cerca de 700 bailes, com, em média, mil pessoas. Havia, no entanto, alguns que reuniam mais de sete mil dançarinos. Se essas pessoas ganhassem consciência da sua força, poderiam vir a ser uma ameaça aos governantes.

Com a proibição dos eventos de funk na cidade, José Junior, que já tinha uma festa programada, se viu em uma situação difícil. Com ingressos vendidos e impossibilitado de tocar o ritmo carioca inspirado na batida americana, resolveu, com a ajuda do amigo Plácido Pascoal, transformar o evento em outro com a temática reggae. Nascia, assim, a Ragga Reggae Dancing, que teve coreografias africanas, desfile da grife Ôja e apresentação de grupo de dança especializado em reggae do Maranhão (estilo de dança criado em São Luiz).

No livro *Da favela para o mundo: A história do Grupo Cultural Afro Reggae* (2006), Junior diz: “O Rasta Reggae cumpriu o seu papel e criou uma marca que nos acompanha até hoje: juntar num mesmo lugar pessoas de diferentes classes sociais e de localidades distintas”. Muito provavelmente ele ainda não sabia, mas começava ali a sua luta para tentar acabar com o apartheid social, como fala na abertura do primeiro episódio do programa *Conexões Urbanas*<sup>2</sup>, exibido no canal de TV pago Multishow e do qual faz as vezes de apresentador e entrevistador.

O evento o colocou em contato com muitas pessoas que tinham dentro o interesse comum a música que era símbolo da expressão cultural negra. Em meio a uma reunião com os organizadores da Ragga Reggae para decidir se haveria outra festa, Augusto Lima, sócio da grife étnica Òja, falou da importância de se criar um veículo de comunicação escrito que divulgasse o reggae e o afro. A ideia ganhou força e acabou virando o jornal Afro Reggae Notícias, a princípio, mensal, cuja distribuição era gratuita.

Para não cobrar pelo jornal, o grupo, que não tinha dinheiro, precisava correr atrás de ajuda financeira. A partir da segunda edição foi decidido que atingir a população negra e exibir personalidades como Bob Marley, Zumbi do Palmares, Nelson Mandela, Malcom X, entre outros, era um objetivo maior do que lucrar com a publicação. A edição número zero dizia:

Pois é, queremos informar, divulgar e conscientizar nossos leitores de uma forma especial. Com suíngue e ritmo. (...) História. Do reggae e da cultura afro-brasileira. Entrevistas, curiosidades, fotos, charges, moda. Um recado contra o racismo e a injustiça social. (JÚNIOR, 2006: 30)

Mais uma característica do que viria ser Grupo Cultural AfroReggae já dava as cara: aumentar a autoestima de uma parcela da população fadada ao estigma do preconceito social e racial. Ainda nos dias de hoje, essa separação existe. É o que pode ser observado no episódio “Fashion Black”, o quarto da segunda temporada do *Conexões Urbanas*, que mostra que modelos negras costumam ser menos procuradas por estilistas, inclusive, no Brasil e que negros raramente são utilizados em comerciais de produtos voltados para a classe média ou alta.

O desenvolvimento do Afro Reggae Notícias acabou por reunir muita gente inteligente, engajada e entendida do assunto. Durante seu período de existência, participaram

---

<sup>2</sup>Conexões Urbanas. Primeira temporada – episódio 1: “Violência e prevenção”. Disponível em: <http://vimeo.com/29166619>. Data de acesso: 9/10/2013. Links dos demais episódios citados ao longo do trabalho estão disponíveis na bibliografia.

nomes como os dos jornalistas Marcelo Yuka e Mônica Cavalcanti, a militante de movimentos negros Jupiciara da Conceição e muito outros. Mas foi a chegada de Arcélio Faria – assessor do CEAP (Centro de Articulação de Populações Marginalizadas) - que ajudou a enveredar para o surgimento de algo que remete ao que o GCA é atualmente. Politicamente engajado, ele havia acompanhado de perto caso das Mães de Acari, como era chamado um grupo de mulheres que perderam seus 11 filhos adolescentes, em agosto de 1990. Os rapazes sumiram misteriosamente. Com ele, Junior falou pela primeira vez sobre o desejo de desenvolver um projeto dentro da favela.

Mesmo tendo sido criado no Centro do Rio, em uma época em que imperavam de violência, prostituição e bandidagem no local, por ter sido frequentador assíduo de bailes funk, José Junior conhecia bem o universo das favelas.

O que mais me chamava à atenção era que os melhores jogadores de futebol eram os da favela. Os caras que dançavam melhor no baile também era os da favela. Assim como eram eles os que ficavam batucando em cima dos capôs do carro, em porta de metal de loja ou mesmo no vidro de ônibus na ida para a praia. Eram dons pouco explorados. Se estes jovens recebessem algum tipo de apoio, poderiam mudar não só suas próprias vidas, como indivíduos, mas a vida de toda a comunidade. (JUNIOR, 2006: 41)

O que ele via, poucos eram capazes de notar. O preconceito e a diferença levam ao afastamento de quem poderia lhes dar as ferramentas necessárias para desenvolver os dons. A falta de acesso a esses meios gera desestímulo e baixa autoestima. O caminho para atividades ilícitas é mais facilmente aberto para quem não vê muitas alternativas, além de portas fechadas e violência. A concretização de um projeto cultural desenvolvido pelo já existente GCA começou lentamente, após a chacina que ocorreu na favela de Vigário Geral, em agosto de 1993, na qual 21 pessoas foram assassinadas covardemente por um grupo de 30 policiais. Nenhuma delas era envolvida com o tráfico.

O caso, conhecido como Chacina de Vigário Geral, ficou marcado com a foto dos caixões enfileirados em uma praça da comunidade. Segundo registros da época, os policiais fizeram a matança para se vingarem da morte de quatro PMs pelos traficantes do local. Em entrevista a Zuenir Ventura, publicada no livro *Cidade Partida* (1994), o dono da boca de fumo da favela à época, Flávio Negão, contou outra versão para a história. Disse que os próprios policiais mataram uns aos outros, porque um grupo tentou receptar uma carga de cocaína que chegaria à favela antes e, assim, ficaria sozinho com o lucro.



Segundo Negão, 10 homens sabiam da chegada da droga, mas apenas quatro foram informados que o horário seria às 21h, enquanto os demais pensavam, erroneamente, que seria às 23h. Ao achar que estavam sendo enganados, começou a confusão entre os próprios homens da corporação. De acordo com o bandido, os traficantes nada teriam a ver com o assassinato dos PMs. Mas o que justificaria a chacina de pessoas inocentes, se não foram os traficantes que mataram os policiais? O dono da favela em 1993 explicou que a droga foi levada por um caminho alternativo e nenhum policial colocou a mão. E, por isso, teriam ficado enfurecidos. “Ele *tava* com raiva porque a quantidade de pó (cocaína) era muita, valia muito dinheiro. (...) Era 67 quilos. Pra quatro!” (VENTURA, 1994: 193)

Independente de qual versão seja a verdadeira, a tragédia colocou a comunidade nas capas de jornais e em destaque em todo mundo. Embora a visibilidade não tenha sido positiva, acabou levando para lá muita gente que queria ajudar. Dentre eles, Henrique Melo Rosa, um cidadão comum, que não era morador da favela, mas queria realizar uma caminhada entre a Igreja da Candelária (que semanas antes havia sido assolada pelo assassinato de oito moradores de rua que dormiam em sua escadaria também por policiais) até Vigário Geral. Ou seja, a proposta era a de percorrer 20 quilômetros.

Rosa procurou o Grupo Cultural AfroReggae como uma entidade do movimento popular, para apoiar a causa. Foi a primeira vez que haviam sido chamados para uma intervenção social concreta. Apesar do pouco caso feito por muitas outras organizações, a Caminhada pela Paz aconteceu, reunindo cerca de 80 pessoas. E, a partir de então, o grupo começou a frequentar semanalmente a favela, em encontros promovidos pela associação de moradores. Junior disse o seguinte sobre quando entrou em Vigário Geral pela primeira vez:

Cheguei em Vigário Geral com uma certa vantagem. Minha vantagem era estar tão despreparado, tão fraco e tão incapacitado. Se eu tivesse um certo saber e tentasse trazer este saber para a comunidade, isso poderia ter sido um problema, pois eu estaria me impondo sobre eles. Em vez disso, minhas fraquezas se tornaram um aspecto positivo do meu trabalho, pois aprendi como construir junto com as pessoas. (PLATT & NEATE, 2008: 213)

O primeiro evento promovido pelo GCA na favela foi o “Vigário in Concert”, realizado em 30 de outubro de 1993, em parceria com a Mocogive (Movimento Comunitário de Vigário Geral), que ocorreu na Quadra Nahildo Ferreira. “O evento foi idealizado para promover o lazer e para divulgar na comunidade vertentes musicais que não eram muito conhecidas por ali, como o reggae, o samba-raggae e o rap.” (JUNIOR, 2006: 58) Alguns

meses mais tarde, em junho de 1994, foi lançado oficialmente o primeiro Núcleo Comunitário de Cultura. O objetivo seria desviar jovens do caminho do narcotráfico e do subemprego.

As primeiras oficinas colocadas à disposição da população foram de reciclagem de lixo, de percussão e dança afro. O foco seriam as crianças e os pré-adolescentes da comunidade. Uma frase que é muito repetida durante os vários episódios do programa *Conexões Urbanas* é de que as crianças copiam, reproduzem o exemplo mais próximo e sempre falam que nas brincadeiras de “polícia e ladrão” ninguém queria ser polícia. Duda Vasconcellos, membro do Grupo Cultural AfroReggae, fez um relato sobre essa brincadeira:

Essa era nossa brincadeira preferida. Mas ninguém queria ser polícia. A meninada achava maneiro ter como ídolo um cara vestido de Cyclone, com um Nike nos pés e um fuzil atravessado no peito, cercado de mulheres. Esses eram os heróis, aqueles caras armados que estávamos acostumados a ver trocando tiros com a polícia. (VASCONCELLOS apud JÚNIOR, 2006:65)

Segundo Junior, os jovens que participavam dos projetos eram vistos como a escória da favela. Não era cobrado que estivessem matriculados na escola, bom desempenho escolar ou algo do gênero, exatamente porque o objetivo era competir com o tráfico, que não exigia nada disso. Os resultados das oficinas de percussão e dança não demoraram a aparecer e a força e alegria dos jovens de Vigário Geral começaram a ganhar visibilidade não apenas dentro da favela.

Paralelamente, o jornal *Afro Reggae Notícias* ainda era produzido. O jornalista José Renato Pontes, então redator da publicação, poeta baiano sugeriu uma entrevista com Waly Salomão. O encontro gerou uma relação de amor, que durou até a morte do. Além de auxiliar na produção da publicação, Salomão deu o endereço de diversas personalidades para que os jornais fossem entregues, como o de Caetano Veloso. Foi no lançamento de um livro de Salomão que Júnior teve seu primeiro contato com o cantor, que para a surpresa de todos disse que gostava da publicação.

Em junho de 1995, o projeto de percussão foi transformado em banda, que ganhou o nome de AfroReggae. Os padrinhos do grupo foram Caetano Veloso e Regina Casé – que conheceu o projeto depois que os alunos das oficinas fizeram uma participação em uma peça apresentada no Hotel Marina, no Leblon. No evento de batismo da banda teve início, de fato, o processo de tentar acabar com o apartheid social. Afinal, quando iriam imaginar que um dos maiores nomes da música brasileira e uma grande atriz da TV Globo fossem a uma favela

participar de um evento. O simbolismo do fato era grande. Semanas depois, o grupo se apresentou no programa *Jô Soares Onze e Meia*, que era exibido no SBT.

Depois disso, o projeto só cresceu. A banda AfroReggae ganhou subgrupos, que com o tempo foram tendo identidades próprias. O Afrolata é um deles e nasceu de uma competição que o GCA fazia, na qual estimulava os meninos a criarem outros grupos. Os convites para tocar e realizar oficinas no exterior começaram a surgir. Um exemplo deste trabalho pode ser visto no episódio “O poder da arte”, exibido na primeira temporada do *Conexões Urbanas*, na qual um grupo de percussionistas vai a escolas da periferia de Londres dar aulas de música. O que tanto professores quanto alunos frisam é que apesar de não falarem o mesmo idioma, eles conseguem se entender muito bem e “falar” a mesma língua. Mesmo estando a milhares de quilômetros de distância, os problemas vividos pelos jovens são basicamente os mesmos, como viverem em um ambiente onde a violência é constante, com a falta de estrutura familiar, falta de fé no futuro, risco de se envolverem com o crime, preconceito etc.

As oficinas de dança, capoeira, entre outros, realizados em Vigário Geral, também ganharam força. A ideia era, além de levantar a autoestima daquelas pessoas, que elas conseguissem ganhar dinheiro e se tornassem profissionais com o que aprendiam nos cursos. Além disso, o grupo não ficou só em Vigário: foram criados núcleos no Morro do Cantagalo, em Parada de Lucas, Complexo do Alemão, Nova Era e Vila Cruzeiro. Além das já citadas oficinas, foram desenvolvidas também aulas de grafite, teatro, circo, informática, entre outras. Há ainda projetos paralelos, que envolvem a mediação de conflitos e projetos de empregabilidade, que buscam reinserir ex-traficantes ou ex-detentos no mercado de trabalho.

Na luta para mudar a imagem que o mundo tem da favela e de que os próprios moradores das comunidades têm de si mesmos, destaca-se ainda o projeto Conexões Urbanas, que buscava realizar encontros musicais até então improváveis nas favelas mais violentas do Rio de Janeiro. A ideia de mostrar que a barreira entre morro e asfalto, favelados e classe média, era apenas invisível, criada por pré-conceitos e medos do desconhecido preestabelecidos. O projeto musical teve início, sem querer, em 2001, quando a banda AfroReggae abriu o Rock in Rio com a Orquestra Sinfônica Brasileira.

A primeira comunidade a receber o Conexões Urbanas foi o Morro da Formiga. Depois, mais 45 edições foram realizadas de agosto de 2001 a outubro de 2005, sempre aos domingos. Apresentaram-se - em favelas como Vila Vintém, Jacarezinho, Vigário Geral, Cidade de Deus e muitas outras - nomes como Adriana Calcanhoto, Arlindo Cruz, Caetano Veloso, O Rappa, Gilberto Gil, Los Hermanos, Lenine e vários outros da música popular

brasileira, que se apresentavam com artistas originários das periferias. Muitos deles sequer haviam entrado em uma favela antes.

Todas as comunidades eram áreas de conflito constante e “pertenciam” a diferentes facções. “Conseguimos entrar em diversas comunidades que eram vistas pelo poder público como blindadas e impenetráveis. Todas as vezes estabelecendo a paz, a harmonia e, principalmente, levando a esperança de dias melhores.” (JUNIOR, 2006: 175). Além dos artistas de peso da música brasileira, o projeto Conexões Urbana levava às favelas um público de fora das comunidades, que iam assistir aos shows e, ao mesmo tempo, movimentavam a economia local. A presença daqueles nomes fazia com que pessoas de fora se sentissem um pouco mais confortáveis para entrar naquela ambiente desconhecido. E a chegada desses indivíduos, de algum modo, valorizava o local e aumentava a autoestima dos moradores. O fluxo de pessoas passava a deixar de ser uma via de mão única: não eram só os moradores da favela que saíam de seus limites, mas os de fora também passaram a entrar e explorá-los, ainda que timidamente.

Alguns anos depois, em 2008, o *Conexões Urbanas* virou um programa de TV, cujo objetivo, segundo José Junior era “acabar com o apartheid social e criar elos de conhecimento, cultura e afetividade entre os diversos guetos em que a sociedade se dividi”. A atração, exibida em um canal de TV a cabo, aborda temas até então tidos como polêmicos de uma maneira mais despojada e com menos peso do que a grande maioria dos programas costuma mostrar. O apresentador é o próprio coordenador executivo do AfroReggae, que conversa com os entrevistados de igual para igual – sejam eles traficantes ou gerentes de grandes empresas -, sentado no chão de uma favela ou no meio de uma cidade europeia. Ao longo deste trabalho, veremos mais sobre a maneira como a atração aborda esses assuntos.

### **3. A TRANSIÇÃO DA REPRESENTAÇÃO E VISÃO DAS FAVELAS E SEUS MORADORES AO LONGO DAS DÉCADAS**

Favela, morro, periferia, gueto, comunidade. Todas estas palavras remetem a um mesmo significado: ao de lugares, espaços coletivos que existem dentro das cidades, mas não sentimos como parte delas. Locais cuja população têm os direitos reprimidos, mas devem cumprir os deveres como os demais. O preconceito é intrínseco a estes vocábulos, desde o dia em que o primeiro morador fincou seu barraco de madeira no alto da montanha. Preconceito esse que mudou de cara e forma ao longo das décadas, mas que sempre existiu, indo do malandro do samba ao funkeiro marginal. É a variedade de visões sobre esses setores sociais ao longo de mais de um século e meio que vamos abordar neste capítulo.

#### **3.1 Morro: da riqueza à pobreza em questão de décadas**

A figura do morro, nos dias de hoje, é muitas vezes associado à favela e à pobreza. Mas nem sempre foi assim. Os colonizadores portugueses, quando chegaram ao local que chamariam de São Sebastião do Rio de Janeiro, por volta de 1565, instalaram-se no Morro do Sossego (que, mais tarde, viria a ser o Morro do Castelo). Os europeus preferiam elevações a planícies, principalmente devido a estratégias de segurança. “O Rio obedecia ao padrão das cidades medievais da Europa, isto é, desenvolvia-se a partir de um coração – soldados e padres, bem entendido – que era ponto central do espaço urbano” (SODRÉ & QUEIROZ, 2004: 77). E este coração ficava situado no topo de um monte.

Após incessantes guerras com os indígenas, durante o século XVI, a cidade começou a descer o morro e a se instalar na região pantanosa situada no Centro. No entanto, até o início do século XIX, pessoas abastadas permaneceram morando na parte alta da cidade. Demoraram alguns anos para que as regiões montanhosas fossem ocupadas novamente - desta vez, pela parcela economicamente menos favorecida da população.

Muitas escolas ensinam que o surgimento da primeira favela ocorreu em 1897, com o retorno ao Rio de Janeiro dos soldados que haviam lutado na Guerra de Canudos, passada no interior da Bahia. Registros históricos, no entanto, indicam que já na década de 1860 havia pessoas morando de forma provisória em encostas de morros e que 20 anos mais tarde

conjuntos de casas ocupavam os morros do Castelo e Senado. No mesmo período, o Morro do Andaraí receberia seus primeiros moradores.

Apesar de os ex-combatentes não terem sido os primeiros a construir barracos de madeira irregulares na beira de encostas, o fato de terem prestígio chamou a atenção da historiografia tradicional e o fato tornou-se um marco. O uso termo “favela” para designar esse tipo de ocupação irregular, inclusive, teve início na mesma época. Quando estavam em Canudos, os soldados ficaram instalados no chamado Morro da Favela, nome dado a uma planta bastante comum na região.

Após a batalha que derrotou a comunidade liderada por Antônio Conselheiro, os combatentes voltaram esperando o dinheiro e moradia que lhes haviam sido prometidos. Aguardando a recompensa e sem terem para onde ir, os soldados passaram a ocupar o Morro da Providência, situado no Centro do Rio. Então, resolveram homenagear o local onde passaram a morar lembrando o monte em que ficaram provisoriamente na Bahia, que também passou a ser popularmente chamado de Morro da Favela.

Com a tomada dos montes, até então ocupados pela elite, por parte da parcela mais pobre da população, a segregação econômica e espaço-territorial não demorou muito para se fazer presente. Um dos motivos que reforçaram tal separação se baseia no fato de que, durante o período escravista (? - 1888), os limites ficavam claros devido à posição que cada indivíduo ocupava na sociedade. Após a Abolição, as camadas dirigentes temeram a possibilidade de indistinção entre indivíduos que pertenciam a estratos sociais tão diversos.

A situação de segregação espacial começou a ser ampliada durante o governo do prefeito Rodrigues Alves (1902 - 1906), que adotou medidas de "limpeza" urbana e embelezamento do Centro da cidade. Com o objetivo de acabar com as epidemias de febre amarela, varíola e peste bubônica e, paralelamente, implantar um projeto urbanístico que remetesse aos *boulevards* parisienses e às construções da *belle époque*, o político ordenou a demolição das centenas de cortiços espalhados pelo local. Em 1906, com o fim do governo de Passos, haviam sido demolidos, do total, 1681 prédios no "Bota Abaixo", e “quase vinte mil pessoas foram obrigadas a procurar nova moradia no curto espaço de quatro anos” (ROCHA, 1995: 69)

Em censos em 1890 e em 1906, notou-se que o crescimento populacional do Centro, caiu de 52% para 3,89% nesse período de tempo. Parte da população rumou a Zona Norte e três bairros apresentaram grande aumento populacional na pesquisa feita em 1906: Espírito Santo, Engenho Velho e São Cristóvão. (Rocha, 1995: 75) Isso se deu graças à construção de

vias que ligavam a região Central a eles. Com a chegada dos bondes e aumento da mobilidade, quem tinha melhores condições financeiras rumava para as regiões da Zona Sul e Norte, áreas mais arejadas – e afastadas dos pobres, que tomavam o Centro .

No entanto, durante o período de reformas, as obras tinham que continuar e a mão de obra consistia, tradicionalmente, em pessoas mais pobres, que precisavam ficar próximas aos seus trabalhos. “Os que permanecem no coração da cidade são aqueles que cujas condições econômicas não permitiram o deslocamento para locais distantes do trabalho” (ROCHA, 1995: 75). “Eles então ocuparam o bairro da Saúde e o morro da Providência. Desde o início, o morador das favelas queria estar perto do Centro, das oportunidades de trabalho. E a cidade continuou a precisar dessa mão de obra.” (RODRIGUES, 2007). A situação de segregação sócio-espacial já se fazia presente.

Discretamente, no início do século XX, as encostas das montanhas à beira mar começavam a ser ocupadas. Em 1907, o Morro da Babilônia, situado entre a Praia Vermelha e do Leme, ganhava seus primeiros moradores. Em 1912, os montes de Copacabana já haviam sido ocupados, assim como o Morro do Pasmado, em Botafogo. A implantação de barracos nesses locais começou devido à necessidade dos mais pobres terem que ficar próximos aos seus trabalhos em uma época em que os meios de transporte públicos eram escassos. A solução também era cômoda para os endinheirados, afinal, era uma garantia de que seus empregados chegariam na hora.

As obras de reforma urbanísticas, que claramente beneficiavam os moradores da Zona Sul, gerou o que Ventura chama de “dois Rios”, um ao qual pertenciam os ricos e outro no qual estavam os pobres. Com a distância espacial, as diversidades eram tratadas com humor e havia certa poetização e estereótipo do pobre. Os moradores das favelas eram associados ao samba, à simpatia e ao constante sorriso no rosto, independente das dificuldades. “Nunca vi por ali uma pessoa pouco afável ou uma pessoa triste”, disse Stefan Zweig depois de visitar favelas nos anos 40” (VENTURA, 1994: 18)”.

A criação do estereótipo persegue a figura do pobre e do favelado até os dias de hoje. Seja na representação em livros, em matérias jornalísticas e ou através de personagens da ficção. O apelo é para miséria, à felicidade constante ou à violência e marginalidade. São poucos os programas que tentam exibir outras faces da periferia, mas este é um processo que vem acontecendo com mais frequência desde o início do século XXI, como veremos na terceira parte deste capítulo. O programa *Conexões Urbanas*, sobre o qual este trabalho traz uma análise, conta com um episódio que ilustra bem a forma binária como o exótico é

representado (ANSEL, 2011). No primeiro episódio da primeira temporada, “Violência e Prevenção”, transmitido em 13 de outubro de 2013, o ex-detento Robson da Silva, um dos fundadores da cooperativa “Eu Quero é Liberdade”, diz: “O repórter não pergunta para você ‘qual é a sua necessidade? Por que você fez isso?’. Ele simplesmente te filma e coloca ‘bandido *periculoso* da área tal’”<sup>3</sup>.

Para quem vê esse universo de fora, como algo exótico e à parte da cidade, não haveria um meio termo, mas apenas o bom ou o mau, o feio ou o extremamente atraente e assim por diante. De maneira geral, a representação da favela é feita por atores sociais de fora dela, como artistas, escritores, jornalistas e, nos dias de hoje, cineastas. Tomando como referência o trabalho de Tomaz Tadeu da Silva, Ansel explica que “aqueles que detêm mais poder de representar detêm também mais poder para fixar, para definir identidades” (ANSEL, 2011: 18). Ou seja, a vida do pobre é conhecida fora dos limites das favelas e conjuntos habitacionais através de impressões de terceiros. Não passam de representações de impressões.

### 3.2 O estigma de classe perigosa

O estigma de “classe perigosa” para moradores de periferia vem desde o final do século XIX, com o surgimento dos cortiços. Seus moradores - fossem trabalhadores, vadios ou malandros - eram todos englobados sob uma mesma visão por quem era de fora. Segundo Ansel

A ampla dominância deste ideário estaria relacionada diretamente ao fato de a indigência e a pobreza serem, à época, convictamente associadas à difundida crença de que os pobres recusavam-se a vender sua força de trabalho e respeitar as normas do salariado - resquício do recente passado escravagista do país, cujo legado foi, exatamente, a descrença no trabalho enquanto parte da dignidade humana. (ANSEL, 2011: 30)

O reforço da visão estereotipada da favela, como local onde malandragem, pobreza e alegria convivem harmoniosamente e não por “culpa” apenas dos mais ricos. Sambistas do início do século XX compunham letras que auxiliavam a gerar este imaginário. Ansel cita alguns exemplos de sambas, de 1928, que ostentam essa marca. Há “Foram-se malandros”, de Casquinha e Donga, que apesar não demonstrar apoio a este tipo de vida confirma a existência

---

<sup>3</sup> Fala durante entrevista no episódio “Violência e prevenção”, do *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/29166619>>. Data de acesso: 21/10/2013.



desse padrão de comportamento nas favelas. Já a música “Não quero saber mais dela”, de J.B. da Silva, busca mostrar que na favela há pessoas bonitas e “gente boa”.

Além disso, o ritmo do samba era bem aceito pela sociedade, apesar da dança ser vista como sensual demais e as damas da alta sociedade jamais poderiam ser vistas executando aqueles rebolados.

O que me impressiona na história do samba era ver como existia no Rio, do início deste século, uma atividade febril de contatos entre elite e povo, entre asfalto (ou pedras portuguesas) e favela (ou “pequenas Áfricas”) (...) Tudo o que aconteceu na cultura musical brasileira, do samba à Jovem Guarda, não foi produto de um único grupo social ou de um único gueto, mas sim da troca intermundos culturais e de uma resistência a qualquer tentativa de guetificação. (VIANNA apud HERSCHMANN, 1995: 18)

No início dos anos 80, bandidos da Falange Vermelha – organização que deu origem à facção Comando Vermelho – começam a se infiltrar nas favelas cariocas. A partir de então, é para as favelas que convergem o sentimento público de insegurança e as políticas de criminalização. Simultaneamente, surge também um fascínio por parte da mídia em relação a esse ambiente e à nova situação de violência que surgia. “A representação do traficante (ou bandido) também era bastante ambivalente: podiam ser os perigosíssimos chefões do crime organizado, patronos de escolas de samba, benfeitores da comunidade ou Robin Hoods atualizados.” (ANSEL, 2011: 54-55) Em meados dos anos 1990, este tipo de abordagem deixa de ser explorado pela grande mídia, mas isso não significa que não continue existindo.

É o que pode ser visto no episódio "Conflitos II - Bandidos", do *Conexões Urbanas*, no qual José Junior pergunta aos próprios traficantes acerca da existência de bandidos bons e ruins. Enquanto o gerente de uma boca de fumo informa que não deixa criança entrar para o "movimento", um traficante diz que entrou nesse “mundo” para ajudar os moradores a terem aquilo que o Estado não fornecia. Seu ídolo? Che Guevara, segundo ele, “porque o cara foi um revolucionário”.

Já em *Cidade Partida*, Ventura cita diversas vezes que o chefe do tráfico de Parada de Lucas havia feito obras em prol dos moradores da comunidade, bem como Flávio Negão, que é descrito no livro como um rapaz novo, magrelo, sempre armado, usando chinelos de dedo e com ares de “gente boa”. Nos locais onde há ausência do Estado e recursos de necessidade primária, esses homens costumam dar às comunidades que comandam o que falta. E acabam virando o que Hobsbawn chama de “ladrão nobre”. “Seja como for, não há dúvida de que o

bandido é visto como agente de justiça, um restaurador da moralidade, e que muitas vezes considera-se assim ele próprio”. (HOBSBAWN, 1969: 40)

A ideia de Ventura pode ter sido a de sair do estereótipo criado, por quem estava de fora, acerca dos bandidos, mas o resultado foi a criação de um personagem capaz de gerar simpatia por parte do leitor. “Conhecer” seu irmão trabalhador, sua família, a paixão por Raul Seixas e seu jeito sedutor com as mulheres, tira das sombras o lado humano de um temido bandido. Talvez, seja um pouco do que José Junior busca através do programa exibido no Multishow: humanizar traficantes e bandidos. Mostrar que o maniqueísmo é algo que faz parte da ficção. Atrás do bandido que mata, existe uma pessoa, com uma história de vida.

Na época em que *Cidade Partida* foi escrito, no início da década 90, surgia no Rio de Janeiro uma nova visão, mais uma vez estereotipada, sobre os moradores de comunidades carentes ou, mais uma vez, as “classes perigosas”. Em um momento em que o samba já movia milhões de dólares, com desfiles de escolas na Marquês de Sapucaí, era a vez de um novo ritmo surgido nas favelas cariocas se tornar mal visto pela população mais abastada da cidade. O funk, som oriundo dos Estados Unidos que ganhou nova roupagem no Brasil, não era tido como música boa ou sequer como uma atividade ou expressão cultural.

Os bailes, que ocorriam nas regiões periféricas e morros da cidade, reuniam, já naquela época centenas de milhares de pessoas por final de semana. O baile do Chapéu Mangueira, por exemplo, recebia, além dos moradores da comunidade, jovens da Zona Sul – muitos deles em busca de diversão aliada a drogas. O bairro parava, a ladeira de acesso à favela engarrafava e o som do paredão de caixas tocava noite a dentro, atrapalhando o sono, inclusive, de quem morava nos caríssimos apartamentos do bairro do Leme.

No livro *Cultura é nossa arma: AfroReggae nas favelas do Rio* (2008), os ingleses Damian Platt e Patrick Neate relatam bem que esta situação de distância social e proximidade geográfica, ao falar da cobertura que alugaram, no bairro de Copacabana, que os deixava "cara a cara com a favela vizinha e com todo o seu barulho e atividade". Segundo os autores, esta o apartamento chique de frente para a favela dos Tabajaras é a “típica ironia carioca”.

As manhãs são sempre anunciadas pelo cantar dos galos e pelo latir dos cachorros. Os sábados, por exemplo, são dedicados a “detonar” o volume do forró e do funk, enquanto as noites de domingo são tomadas pelo som retumbante dos tambores das escolas de samba (...). Apesar das imediações refinadas da cobertura, nossos ouvidos pertencem à favela. (PLATT & NEATE, 2008: 19)

Existiam diversas modalidades de bailes funk: aquelas como a do Morro do Chapéu Mangueira, em que as pessoas iam para dançar, ou como os de Madureira, onde era formado um corredor, que dividia os participantes em dois grupos. Os dois lados, abordados, inclusive, em reportagem no *Fantástico*, foram nomeados pela mídia como Lado A e Lado B, e trocavam chutes e socos entre si.

Para o restante da sociedade, aquele conflito poderia ser interpretado como violência gratuita e uma selvageria. Mais uma vez, faziam a leitura do que era exibido por terceiros. Os frequentadores dos bailes dificilmente teriam vez para falar na grande mídia o que aqueles eventos significavam para eles. Para muitos, as festas funk representavam o único momento de diversão da semana. “Você tem que entender que essas festas eram a coisa mais importante para mim na minha adolescência. Eu perdia os dentes e as roupas. (...) Às vezes, desmaiava”, disse JB, funcionário do AfroReggae, em entrevista para o livro de Platt e Neat.

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, os bailes funk já contavam com uma péssima reputação, especialmente devido à violência entre as gangues rivais. Aquelas, porém, não eram brigas comuns, mas pancadarias ritualizadas cuidadosamente orquestradas pelos promotores, que contratavam seguranças para separar as galeras opostas em dois lados. (PLATT & NEAT, 2008: 87)

Quando, em outubro de 1992, grupos rivais de Vigário Geral e Parada de Lucas brigaram na praia do Arpoador, levaram o pânico aos frequentadores de uma das principais áreas nobres da cidade. Alguns deles aproveitaram o caos para roubar pertences de banhistas e foram, imediatamente, vinculados ao funk, como citado no capítulo anterior. Como medida preventiva a possíveis ações futuras, o governo tomou a medida preconceituosa de proibir festas funk e a difusão do gênero musical em locais públicos, privando mais de um milhão de pessoas por final de semana de se divertirem.

Deste modo, os admiradores, criadores de músicas e organizadores de bailes passam a ser vistos como bandidos. O governo acabou por, de certa forma, legalizar o preconceito para com os funkeiros. Olhar torto e tratar mal o pobre, ganha aval e amplia ainda mais a distância entre os ricos da Zona Sul e a favela (independente do local onde estivesse instalada). Tal postura era reforçada pela mídia, com a repetição das imagens do arrastão. Cogitou-se, inclusive, acabar com os pontos finais na Zona Sul de ônibus que saíam da Zona Norte. A

visão do pobre cordial, do morro do samba, do malandro – ainda que malandro – gente boa etc., já não existia mais.

Uma vez que os grupos subalternos da sociedade brasileira se conformaram com essa imagem – a partir da qual se acreditava que até as injustiças sociais são mais bem toleradas e mesmo negociadas por formas culturais mestiças (como o carnaval) ou por práticas políticas típicas de uma sociedade patriarcal (patronagem e clientelismo) –, foram tolerados e mesmo imaginados como participantes dos direitos de cidadania. É isso o que os favelados de hoje rejeitam. O Brasil, como um todo, parece mesmo rejeitar esse —consenso, pelo menos se tomarmos os últimos acontecimentos como um sinal. (YÚDICE *apud* HERSCHMANN, 1997, p.29)

Yúdice incluiu em seu artigo um depoimento de Fernando Luiz, conhecido em todo Brasil como DJ Malboro, que promove bailes funk desde a década de 1970. O DJ disse, em defesa dos que dos que frequentavam festas do tipo: “(...) os funkeiros não são fonte, mas vítimas da violência cotidiana, que buscam nas galeras – com nomes de morros e favelas – a pátria que não conhecem.” (YÚDICE *apud* HERSCHMANN, 1993:36) De fato, a violência sofrida pelos pobres veio à tona pouco depois do episódio na praia.

Em 1993, o Rio de Janeiro vivenciou duas tragédias que retificavam a associação da pobreza ao crime, de modo que todo pobre ou moradores de favela fosse relacionado à violência. Em 23 de julho daquele ano, seis menores e dois maiores de idade, todos moradores de rua, que dormiam nas escadarias da Igreja da Candelária, localizada no Centro da cidade, foram mortos por policiais militares, que pararam o carro em frente ao local e começaram a atirar. Pouco mais de um mês depois, em 29 de agosto, um grupo de 30 policiais entrou na favela de Vigário Geral e matou 21 pessoas inocentes. Dentre os assassinados estava uma família de oito evangélicos. O caso, conhecido como Chacina de Vigário Geral, ficou marcado com a foto dos caixões enfileirados em uma praça da comunidade. A impunidade e injustiça persistem 20 anos depois: todos os acusados do caso da Candelária estão livres e apenas cinco suspeitos de Vigário Geral receberam alguma condenação.

### **3.3 E a favela (re)aparece “bem na fita”**

Do início do século XX, com o surgimento e crescimento das primeiras favelas, ao final dos anos 1900, a maneira de ver a periferia e seus moradores mudou muito. Do perfil romantizado e, ainda assim, estigmatizado do samba e da malandragem, passando pela visão

da constante alegria dos favelados até chegar à criminalização dos funkeiros, todas têm em comum a generalização e os estereótipos. Com a chegada dos anos 2000, o quadro começa a mudar. A periferia ganhou as telas do cinema nacional, bem como da TV, seja com séries que tentam representar seu cotidiano ou com o maior espaço dado às suas produções culturais. A instalação de Unidades de Polícia Pacificadora em várias favelas do Rio também ampliou o olhar sobre essas comunidades. Não necessariamente, no entanto, as relações entre os moradores da favela e do asfalto tiveram mudanças significativas.

Por anos falou-se sobre a existência de uma cidade partida, de dois mundos em uma cidade só. Na abertura do episódio “Complexo”, o sétimo da terceira temporada do programa de *Conexões Urbanas*, a questão é explorada. José Júnior abre a atração na praia de Ipanema, dizendo ser aquele um dos lugares mais charmosos do mundo e um dos metros quadrados mais caros do país. Todos esses dados são usados para destacar o fato de que a 20 minutos dali está a favela considerada a mais armada e blindada de todo o Brasil. Na realidade, não é preciso ir muito longe para notar a realidade distinta dentro de uma mesma cidade. Vários bairros da Zona Sul do Rio de Janeiro contam com seus bairros "paralelos", com seu próprio comércio, relações de trabalho e interpessoais: as favelas. O próprio bairro de Ipanema conta com as comunidades do Cantagalo e o Pavão-Pavãozinho.

A relação entre morro e asfalto foi romanceada no filme *Era uma vez* (2008), de Breno Silveira, no qual o casal de protagonistas forma uma espécie de Romeu e Julieta contemporâneos. A menina rica, moradora da Vieira Souto, em Ipanema, se apaixona por um rapaz que vive no Morro do Cantagalo. Um pequeno diálogo tenta resumir não apenas as discrepâncias sociais da relação do casal, mas também o que vivenciam boa parte dos moradores de metrópoles, como o Rio de Janeiro. No alto do morro, em cima de uma laje de frente para o mar, Nina olha para o seu prédio e fala: “Perto, né?” e Dé responde: “Acho longe”.

A resposta de Dé talvez resuma o sentimento de quem mora nas favelas. Apesar de a distância geográfica entre os prédios e os morros ser a mesma tanto para quem mora nas comunidades quando para quem vive no "asfalto", o favelado, muitas vezes, sente-se socialmente distante da realidade do restante da cidade. Para quem mora “no asfalto”, principalmente na Zona Sul do Rio, a sensação de proximidade é constante, por se estar sempre vendo casas dependuradas sobre morros, muitas vezes, “atrapalhando” a vista de suas janelas.

O longa de Silveira foi um entre os vários sobre favelas e seus moradores que surgiram após o tremendo sucesso de *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, lançado em 2002. A produção mostra o crescimento da favela de Cidade de Deus e do crime organizado dentro dela, entre as décadas de 1960 e 1980, a partir da perspectiva de Buscapé, um jovem morador do local que não se envolve com o mundo do tráfico. O longa de Meirelles foi um marco da aparição mais constante da favela nas telonas e de uma nova visão estrangeira sobre o Brasil.

Um despacho da Reuters (2002), durante o festival de cinema de Cannes, em 2002, disse que "*Cidade de Deus* e *Madame Satã* podem não substituir de imediato, no imaginário dos estrangeiros, o já clássico *Orfeu Negro* (1959), do francês Marcel Camus - mas será uma injustiça se isso não acontecer em um futuro próximo." Como o velho clássico e sua trilha bossa nova, *Cidade de Deus* leva à tela um país de maioria negra, problemas sociais gritantes e uma riqueza humana e artística extraordinárias (sic)" (SOVIK, 2009: 134)

Há quem considere que o filme tenha um excesso de violência, mas ele foi um pontapé inicial para uma série de produções que têm a favela e seus moradores como temática central. O cenário principal do longa é uma comunidade (ele foi rodado na favela de Cidade Nova) e o elenco é composto majoritariamente por negros – muitos deles moradores de comunidades. Roberta Rodrigues, atriz negra e moradora do Vidigal que participou da produção explica a importância que o filme teve, no episódio “Nós do Morro”, da segunda temporada do *Conexões Urbanas*:

Acho que o Cidade de Deus mudou o Brasil e o mundo. Foi quando a minha mãe, depois de 30 anos, teve coragem de ir ao cinema, porque ela tinha vergonha. (...) E acho que as pessoas de comunidade também, todo mundo se viu. Acho que nem se vê em questão da violência. Se vê negão na tela, vê nordestino, acho que é a questão de ver o povo. De se ver. (...) Tinha de tudo um pouco ali no Cidade de Deus.<sup>4</sup>

Por outro lado, se para Rodrigues e sua mãe, *Cidade de Deus* representou um grito de liberdade, por outro, o filme não agregou nada aos moradores da favela de Cidade de Deus além de estigma e preconceito "Pode parece algo menor, mas indiscutivelmente o problema do estigma passa necessariamente pelo título, porque não foram as favelas no seu conjunto atingidas, foi uma entre várias." (RIBEIRO, 2005: 3) Para Bentes, o longa não traz uma contextualização da favela com o restante da cidade, ela surge como se fosse um item isolado.

---

<sup>4</sup> Resposta dada no episódio “Nós do Morro”, do *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/31743934>>. Data de acesso: 19/10/2013.

Segundo a autora, não é citado, por exemplo, se o tráfico seria sustentado por uma base fora da favela. Bentes prossegue com as críticas:

*Cidade de Deus* é um filme-sintoma da reiteração de um prognóstico social sinistro: o espetáculo consumível dos pobres se matando entre si. É claro que os discursos "descritivos" sobre a pobreza (no cinema, TV, vídeo) podem funcionar tanto como reforço dos estereótipos quanto abertura para uma discussão mais ampla e complexa em que a pobreza não seja vista somente como "risco" e "ameaça" social em si. Esse talvez seja o viés político, extracinematógráfico que o filme pode provocar. Já a narrativa nos remete frequentemente para uma sensação já experimentada no filme de ação hollywoodiano, o "turismo no inferno" em que as favelas surgem não como "museu da miséria", mas novos campos de concentração e horrores. (BENTES, 2001: 93)

O rapper MV Bill, nascido e criado na comunidade retratada no filme, afirmou, em artigo publicado no site Viva Favela, que o longa explorou a imagem da favela de forma inapropriada.

Vou colocar todo mundo na bola. O mundo inteiro vai saber que esse filme não trouxe nada de bom para a favela, nem benefício social, nem moral, nenhum benefício humano. O mundo vai saber que eles exploraram a imagem das crianças daqui da CDD. O que vemos é que o tamanho do estigma que elas vão ter que carregar pela vida só aumentou, só cresceu com esse filme. Estereotiparam nossa gente e não deram nada em troca para essas pessoas. Pior, estereotiparam como ficção e venderam como verdade. (BILL apud RODRIGUES, 2005: 7)

O filme *5X Favela: Agora por nós mesmos* (2010) parece ser uma tentativa de evitar a repetição de um erro, de mais uma vez produzir imagens estereotipadas da favela e seus moradores a partir do olhar do outro. A produção reúne cinco curtas-metragens dirigidos, produzidos e com atores moradores da periferia. As histórias também são passadas em comunidades e relatam episódios comuns a quem vive nesses lugares, como a falta de luz (e seu retorno, com gritos pelo morro inteiro) ou o medo de passar para a favela com uma facção inimiga. O filme é uma nova versão de *5X Favela*, rodado em 1962, e que contava a visão de cinco jovens diretores de classe média sobre a vida nas comunidades.

Cacá Diegues era um desses jovens e foi produtor da versão de 2010. Ele selecionou os diretores que fariam os curtas, os auxiliou durante as filmagens e organizou as oficinas que precederam a rodagem, convidando grandes nomes do cinema nacional, como os diretores Fernando Meirelles e Walter Salles, para darem palestras. A participação de moradores de

favela na criação e execução dos filmes fez muita diferença na forma e nos conteúdos obtidos. É o que Diegues diz no episódio “5X Favela”, do *Conexões Urbanas*:

O filme são cinco episódios, cada um deles totalmente diferentes, mas todos eles construídos em torno dessa coisa do testemunho pessoal. Eu não poderia imaginar nenhum desses cinco filmes, não bateria na minha cabeça nunca. Você vê, na verdade, ali, pessoas construindo o seu comportamento, a identidade através do comportamento: comportamento moral, a sua relação com a Lei, seu relação com o outro. É muito bonito isso. E eu não vejo muito isso em outros filmes brasileiros sobre favela.<sup>5</sup>

As situações retratadas nos cinco curtas são, de fato, incomuns e talvez nunca antes exibidas na ficção. O episódio "Fonte de renda", por exemplo, mostra as dificuldades de um rapaz que passa para uma faculdade pública. Além das passagens, ele deve arcar com cópias de textos, livros e festas, para confraternizar com os novos amigos. Sem saber como bancar tais gastos, cede à pressão de colegas, que sabendo que ele é morador de favela, pedem para que revenda drogas na universidade. O retrato da dificuldade de uma pessoa com uma renda baixa em permanecer na faculdade não é mostrado em obras ficcionais e é pouco abordado em textos jornalísticos. A vivência dos jovens que passam ou conhecem pessoas que vivem tal situação, trouxe uma nova perspectiva, de um caso que para muitos se resume à existência de programas de cota ou não.

Mas não foi só no cinema que a periferia virou destaque neste século. A TV também ganhou inúmeras produções que ou buscavam representar o cotidiano das favelas e das classes C e D ou destacar sua produção cultural. O funk sai do seu espaço de música marginal para ser tocado e dançado não apenas em festas da Zona Sul carioca. O ritmo também tomou conta de dezenas de programas de TV, onde não era difícil ver o Bonde do Tigrão, o Bonde do Vinho, Tati Quebra-Barraco, Gaiola das Popozudas, entre outros representantes do estilo musical. Antes disso, já na década de 90, o funk melody e sua letras românticas estavam na TV, em “diversos fanzines (vários de trajetória efêmera), como *Funk Mania*, *Furacão 2000*, *Só Funk*, *Pancadão*, *Rio Funk*, *100% Funk*, alguns de excelente qualidade gráfica” (HERSCHMANN, 2000).

Em 2002, estreou, na Rede Globo, a série *Cidade dos Homens*, que retratava a realidade de dois meninos moradores da favela e toda a problemática envolvida, como

---

<sup>5</sup> Fala proferida por Diegues no episódio “5X Favela”, do *Conexões Urbanas*, disponível em: <<http://vimeo.com/31845138>>. Data de acesso: 1/11/2013.



contraste entre ricos e pobres, violência urbana, o poder do tráfico e, dentro deles, os problemas comuns a qualquer adolescente. A série foi um sucesso de audiência e tentava passar para o público que nem todo preto e pobre é bandido, malandro ou sambista. Que há entrelinhas e meios termos nas vidas dessas pessoas. A série teve quatro temporadas e durou até o ano de 2005.

Dentre os programas não ficcionais que se destacaram na TV nos últimos anos podemos citar duas atrações apresentadas por Regina Casé, criadas em parceria com Hermano Vianna e dirigidos por Estevão Ciavatta. *Central da Periferia* estreou em 2006 e ia ao ar todos os sábados. Logo após a finalização da primeira edição, foi gravada uma espécie de *spin-off* da atração, o *Minha Periferia*, quadro do Fantástico que servia para atiçar a curiosidade dos telespectadores para a edição do *Central da Periferia* do sábado seguinte. Os semanais mostravam os principais sucessos musicais das regiões periféricas do Brasil, a grande maioria deles conhecidos apenas pelas pessoas que moravam nesses locais. De fato, a periferia tem cantores e músicas que só ela conhece e tem formas de distribuição também diferenciadas. No sétimo episódio da segunda temporada do *Conexões Urbanas*, “Piratária”, é abordada a maneira como as classes C e D consomem música atualmente. Marcon Muller, diretor da rádio FM O Dia, relata o caso do grupo de pagode Pixote, que fez sucesso sem auxílio de rádios, TVs ou gravadora. Conseguiu realizar mais 150 shows, em 2008, apenas com a venda em camelôs e vídeos no YouTube.

O *Esquenta*, produzido pela mesma equipe, estreou, em 2011, como um programa de auditório semanal que seria exibido apenas durante o verão. A atração é temática e a cada episódio traz temas que remetem à periferia ou que são mais gerais, como praia, mas sempre mostrado com a cara do “povão”. O exagero é uma constância na atração, começando pelo figurino da apresentadora e do elenco fixo, passando pelo cenário até chegar à confusão gerada por muitos membros do elenco e convidados no palco. Mas, ainda assim, o programa foi um sucesso e, em 2013, entrou para o quadro fixo da emissora. Apesar dos exageros, deve-se ressaltar que o *Esquenta* levou para brasileiros de várias classes sociais gestuais, estilos musicais, vestimentas, gírias e muitos outros fatores que não entrariam facilmente na casa de boa parte da população.

Em relação à mídia impressa, a favela e seus ritmos tinham um espaço reservado antes mesmo dos anos 2000. O foco do que era retratado ou enfatizado que foi mudando ao longo do tempo: matérias sobre o funk, por exemplo, até meados dos anos 1990, boa parte das vezes, ocupavam os cadernos policiais, principalmente no período de 1992 a 1995. Esse

cenário, segundo Herschmann, começou a mudar a partir de 1996, quando praticamente metade das notícias ocupava os cadernos policiais (47,1%) e a outra metade estampava as seções de cultura (52,9%):

Analisando 125 artigos na mídia impressa, pude atestar que: a) o funk praticamente inexistia no cenário midiático antes de 1992; b) entre 1992 e 1996 é possível identificar um duplo processo (...); b.1) por um lado, um processo de criminalização dividido em duas etapas (o primeiro ao longo do verão de 1992/1993 e outro que se inicia no final de 1994 e se estende por 1995; b.2) por outro, de afirmação e reconhecimento do funk como uma expressão cultural e como um segmento de mercado significativo. (HERSCHMANN, 2000: 94)

Segundo dados da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Previdência da República, entre 2003 e 2010, 32 milhões de brasileiros passaram a fazer parte da classe média. Atualmente, estima-se que ela componha 52% da população, ou seja, mais da metade dos habitantes do país<sup>6</sup>. Esse poder de consumo, seja de bens materiais ou programas de TV, pode ser um dos motivos pelos quais a programação tenha começado a dar mais atenção para assuntos voltados à chamada “nova classe C”. Em outubro de 2013, o instituto de pesquisa Data Popular revelou que o número de moradores de favelas pertencente à classe média praticamente dobrou dentro dos últimos 10 anos. Em 2003, eram apenas 33%; atualmente, 65% se enquadram nesta faixa<sup>7</sup>.

Outra política que vem ajudando a inserir a favela na cidade são as Unidades de Polícia Pacificadora, ferramenta do Estado que permitiu a “retomada” de regiões onde, até então, a maior autoridade era o tráfico. A polícia foi o braço usado para entrar nas comunidades e “reconquistá-las” – tanto geograficamente quanto a confiança dos moradores, habituados com a corporação entrando a base de tiros nesses locais. A primeira UPP do Rio de Janeiro foi instalada em dezembro de 2008, no Morro Santa Marta, em Botafogo. Em seguida, vieram as unidades do Chapéu Mangueira e Babilônia, Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, passando pela Rocinha e Vidigal e, posteriormente, chegando a favelas da Zona Norte e Zona Oeste. Atualmente, há 34 comunidades com UPPs instaladas.

---

<sup>6</sup> Dados disponíveis em: <[http://www.sae.gov.br/novaclassemedia/?page\\_id=58](http://www.sae.gov.br/novaclassemedia/?page_id=58)>. Data de acesso: 20/11/2013

<sup>7</sup> QUAINO, Lilian. “Classe média na favela sobe de 33 % para 65% em 10anos, diz pesquisa”. *GI, Economia*. 04/11/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/11/classe-media-na-favela-sobe-de-33-para-65-em-10-anos-diz-pesquisa.html>>. Data de acesso: 20/11/2013

A ideia do projeto não é acabar com o crime organizado, mas recuperar um espaço há anos perdido para o tráfico e dar mais dignidade aos moradores, como afirmou o secretário de Segurança Pública do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame: "Minha pretensão não é acabar com o tráfico: ele existe em Londres, em Paris. O que é inaceitável é a pessoa ser vigiada, é levar o filho na escola e ver um homem com um fuzil". A fala de Beltrame, inclusive, é questionável, afinal, os policiais postam suas armas em frente às comunidades em que atuam e os fuzis exibidos agora são do Estado e não mais do tráfico. Além do mais, relatos de abusos por parte de policiais não são raros. Em 2013, o "caso Amarildo" ganhou as páginas dos jornais. O auxiliar de pedreiro Amarildo Dias de Souza sumiu após ter sido detido por policiais militares da UPP da Rocinha. Segundo depoimentos, Souza teria sido torturado até a morte pelos PMs da UPP.

Apesar dos relatos de violência, das Unidades de Polícia Pacificadora não eliminarem o tráfico e os de tiroteios em favelas ainda serem constantes, surgiu na cidade o fenômeno de redescoberta das favelas por parte dos moradores do asfalto, desde os bailes funk dos anos 1990. A comunidade do Santa Marta, atualmente, tem como ponto turístico a estátua do cantor Michael Jackson, feita em homenagem ao Rei do Pop, que gravou um clipe no local. A réplica do astro fica em um mirante cujo visual incrível atrai pessoas de todos os lugares. No morro Chapéu Mangueira, no Leme, cariocas e turistas formam fila no Bar do Davi, com sua cerveja gelada e a famosa feijoada de frutos do mar. Muitas das comunidades passaram a receber albergues e o favela *experience* - ou seja, vivenciar como é morar em um morro carioca - faz parte da atração de se hospedar nesses locais. Já as favelas do Vidigal e da Rocinha viraram também novos *points* para festas de garotos e garotas da Zona Sul.

Apesar de os moradores do asfalto estarem descobrindo as favelas, os favelados permanecem tendo acesso apenas às mesmas partes da cidade. As relações entre ricos e pobres permanecem, em geral, as mesmas, de patrão e empregado ou convívios em ambientes de uso coletivo, como o transporte público. A "expansão" do Rio ocorreu em uma via de mão única. Os moradores da Rocinha e do Vidigal não têm dinheiro para frequentar as festas sediadas em suas comunidades e muito menos em eventos noturnos do asfalto. Os preços são altos de propósito, como uma forma de selecionar o público. "No entanto, a interação desses traços opostos e contraditórios permite problematizar mais e melhor o que certamente caminha na direção da 'cidade cerzida.'" (ROCHA, 2005: 39)

Na medida em que a favela se torna necessária para a existência da cidade, para seu funcionamento legal e ordenado, em sua ordenação, segundo a lógica do asfalto, sua presença é não só permitida, como é acolhida com a confiança de quem entrega as chaves de casa, o cuidado com os filhos, com as máquinas e até com o controle financeiro doméstico ou empresarial. (ROCHA, 2000: 31)

É o que Cristovam Buarque chama de “apartheid social” ou “apartação” “O centro do conceito de apartação está em que o desenvolvimento brasileiro não provoca apenas desigualdade social, mas uma separação entre grupos sociais” (BUARQUE, 2001:33). O coordenador do Grupo Cultural AfroReggae e apresentador do programa Conexões Urbanas, exibido no canal Multishow, diz, no primeiro episódio que o objetivo da atração é “acabar com o apartheid social”. É claro que devemos manter em mente que um programa de TV não conta com ferramentas que de fato eliminem as diferenças sociais, mas, no próximo capítulo, veremos quais caminhos a atração toma para alcançar essa meta a que se propõe.

#### 4. ANÁLISE DO PROGRAMA CONEXÕES URBANAS

O *Conexões Urbanas* é um programa de televisão que estreou no dia 13 de outubro de 2008, às 21h45, no canal de TV a cabo Multishow. O semanal, apresentado e produzido pelo coordenador executivo do Grupo Cultural AfroReggae (GCA), José Junior, nasce com a proposta de “acabar com o apartheid social”, como diz ele próprio na abertura do primeiro episódio da série, “Violência e prevenção”.

O programa leva o mesmo nome de um projeto do GCA, que tinha como objetivo levar artistas musicais para as favelas mais violentas do Rio de Janeiro. A prévia do projeto ocorreu na edição de 2001 do Rock in Rio, e a primeira conexão foi entre a banda AfroReggae e a Orquestra Sinfônica Brasileira, que juntos abriram o festival. A mistura da batida da percussão com a música clássica foi um sucesso.

A primeira comunidade a receber o projeto Conexões Urbanas foi o morro da Formiga, em agosto de 2002. Depois disso, diversas favelas conhecidas pela sociedade em geral pelos conflitos entre facções rivais sediaram shows de nomes como Adriana Calcanhoto, Arlindo Cruz, Caetano Veloso, Elba Ramalho, Los Hermanos, Nando Reis, Gilberto Gil, entre outros, dos quais muitos nunca haviam entrado em uma favela antes. “Os artistas acabam assumindo o papel de coprodutores, pois abrem mão de seus cachês e sempre colaboram com a produção do evento” (Júnior, 2006: 174). Os concertos atraíam moradores do asfalto que também nunca tinha ido a uma comunidade e, acabavam, assim, por movimentar a economia local.

*Conexões Urbanas* também foi o nome dado a um programa de rádio, criado em 2007, com o objetivo de levar “para as rádios o espírito inusitado e democrático dos show com o objetivo de conectar pessoas, eliminar barreiras e preconceitos, além de abrir espaço para novas tendência musicais”<sup>8</sup>. A atração semanal era transmitida para as cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre e cada uma delas tinha seus próprios apresentadores e convidados. Toda edição contava com um entrevistado especial. O último programa foi ao ar em 2010.

---

<sup>8</sup> “Estreia do Conexões Urbanas na Eldorado FM em Sampa!” Disponível em: <<http://conexoesurbanas.blogspot.com.br/>>. Data de acesso: 13/11/2013.

No ano seguinte à estreia no rádio, foi lançado, no canal de TV a cabo Multishow, o programa que é descrito oficialmente, no site do canal, da seguinte forma:

*Conexões Urbanas* é o braço televisivo de um movimento social. O objetivo é criar elos de conhecimento, cultura e afetividade entre os diversos guetos em que a sociedade se dividiu: ricos e pobres, brancos e pretos. Você vai se conectar com os mais recentes pensamentos de sustentabilidade, tecnologia social, cidadania e principalmente paz. Um programa para gerar reflexão e ação.<sup>9</sup>

Como a sexta temporada da atração ainda está sendo exibida, a análise deste trabalho será sobre os cinco primeiros anos do *Conexões Urbanas*. Temas como violência nas periferias, drogas, pirataria de bens, polícia, sistema carcerário, empregabilidade de ex-detentos, trabalhos sociais, entre vários outros, foram exibidos e debatidos nos 85 episódios. O clima de informalidade está presente em todas as edições, com direito a entrevistas nas quais entrevistador e entrevistado tomam banho de rio. Há programas em que José Junior realiza os bate-papos sentado no chão de celas, na escadaria de favelas ou na cama de detentos dentro da penitenciária. A informalidade é mostrada mesmo em conversas com políticos ou presidentes de multinacionais. Esse tom confere um peso menor a assuntos muitas vezes visto como polêmicos. Além disso, perguntas difíceis, como “Quanto custa o programa?” ou “Você gosta de ser bandido?”, são feitas de maneira direta, sem rodeios, dando um ar mais banal a temas que em veículos tradicionais ganhariam um peso grande e, provavelmente, seriam explorados de forma dramática.

Algo que pode chamar a atenção de quem assiste aos programas é a vestimenta do apresentador. José Junior aparece, quase sempre, vestindo roupas de marcas caras, o que parece uma contradição em um programa que busca falar, entre outros temas, sobre as mazelas da sociedade. Isso, no entanto, faz parte de uma política adotada pelo Grupo Cultural AfroReggae. A ideia é chamar a atenção dos meninos das comunidades e mostrar que os membros do projeto têm acesso a produtos cobiçados, como tênis, bonés e roupas “de marca”, bem como bons carros. Usar esses signos compete diretamente com os principais atrativos para entrar para o tráfico de drogas.

---

<sup>9</sup> “*Conexões Urbanas: Sobre o programa*”. Disponível em <<http://multishow.globo.com/Conexoes-Urbanas/Sobre-o-Programa/>>. Data de acesso: 15/11/2013.

A grife adotada pelo Comando Vermelho é a Cyclone, que na década de 1980 era usada pelos *playboys* da zona sul. (...) O Terceiro Comando, que tem como cor favorita o verde, passou a adotar a marca TCK no início dos anos 1990. (...) Isso não quer dizer que essas marcas tenham qualquer envolvimento com esses traficantes. (JÚNIOR, 2006: 95)

Os ex-traficantes que trabalham por detrás das câmeras ou em algum dos projetos sociais do GCA, quando aparecem no programa, muitas vezes, também vestem roupas de marcas caras. Como o programa tem entre um dos objetivos “acabar com o apartheid social”, fica claro que o público-alvo não são os meninos com risco de entrar para o tráfico, mas sim, pessoas que não têm conhecimento ou vivência dos assuntos abordados. De qualquer forma, esses ex-traficantes bem vestidos, também servem como exemplo para acabar com o estigma do “favelado pobrezinho”.

Outro fator que chama a atenção no programa são os patrocínios. A partir da segunda temporada, na abertura e no encerramento do semanal, são exibidos os patrocinadores, como Petrobrás, Banco Santander, Oi, Natura, Vale e Governo do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, há inserções, principalmente a partir da terceira temporada, de imagens dos patrocinadores, como fachadas do banco, de postos de gasolina e entrevistas com diretores de algumas entidades patrocinadoras falando sobre projetos sociais. Há, inclusive, um programa totalmente dedicado ao projeto de extração de minério de ferro em Eldorado dos Carajás, realizada pela Vale, exibido como um modelo exemplar e ecologicamente correto e sustentável. Em diversas entrevistas, José Junior e seus entrevistados aparecem bebendo uma lata de energético Red Bull.

Esses recursos são conhecidos como *product placement*, nas quais os produtos são inseridos no conteúdo editorial, de maneira que o telespectador não possa evitar o *merchandising*. O apresentador também usa, algumas vezes, blusas e casacos com patrocínios aparentes. Este modelo de publicidade vem se tornando cada vez mais comum em TVs por assinatura, principalmente no Multishow, canal onde o *Conexões Urbanas* é exibido.

A integração entre os anunciantes e o conteúdo ocorre de várias formas, de acordo com Jacob. “Desde a criação de uma nova produção, em que é

possível inserir os principais atributos das marcas no roteiro, até a construção de um *product placement* diferenciado, como apoiar conteúdos com licenciamento promocional, vinhetas com a programação ou desenvolver uma programação para as marcas com adequação aos canais”, explica Jacob. (MARTINS, 2011)

Apesar de ser uma prática comum a atrações de TV por assinatura, o fato de o programa apresentado por José Júnior ter um tom mais documental, de registro de realidades geralmente exploradas de outra maneira, gera um questionamento: até onde o programa pode usar desses artifícios sem perder a credibilidade? De um modo geral, estes patrocínios não parecem atrapalhar o conteúdo vinculado ao programa. Mesmo depois da inserção dos mesmos, a partir da segunda temporada, temas polêmicos permaneceram sendo abordados, assim como a atitude do apresentador continuou despojada. No entanto, episódios como o “Trilogia da terra III: o futuro da natureza”, o terceiro da quarta temporada, explicita o vínculo com as marcas. O programa mostra como funciona a extração de minério de ferro em Eldorado do Carajás, feita pela Vale, patrocinadora do Grupo Cultural AfroReggae e do programa. O tom de comercial permanece com a exibição de um parque nacional mantido pela empresa ou quando a assessora afirma que a única área preservada no polígono é aquela em que a Vale atua. Há ainda o deputado estadual Carlos Minc, conhecido por abraçar causas ambientalistas, falando sobre um acordo realizado com a empresa para não comprar itens ilegais.

Em outros episódios, em que os temas principais são projetos sociais, muitos dos projetos exibidos são apoiados ou patrocinados pelas mesmas empresas que patrocinam a atração. No episódio “Nós do Morro”, por exemplo, um representante da Petrobrás aparece falando sobre a ONG. Já em “Ser humano transformador”, o último programa da primeira temporada, recapitula os exemplos de bons seres humanos apresentados durante o ano de 2008 e destaca Guilherme Leal, copresidente do Conselho de Administração da Natura, como um deles. Um representante da empresa também aparece em “O papel social da imprensa”, falando sobre as dezenas de prêmios que a companhia ganha em premiações criadas pela mídia - como o “Prêmio Faz a Diferença” (*O Globo*) ou “Prêmio Empreendedor Social” (*Folha de S. Paulo*) – devido aos seus trabalhos sociais. Já o Banco Santander ganha destaque no episódio “Complexo” (sétimo da terceira temporada), sobre o Complexo do Alemão. No programa, é mostrada a inauguração de uma sede do banco na favela, na qual os funcionários



e até mesmo o gerente financeiro são moradores do local. Além da fala de quem vai trabalhar no estabelecimento, o episódio também conta com depoimentos dos presidentes nacional e da América Latina do Santander.

É importante ressaltar que a maioria dos projetos sociais apresentados ao longo das cinco temporadas analisadas não foi vinculada a qualquer um dos patrocinadores, como é o caso da Casa do Zezinho, em São Paulo; o Bagunção, na Bahia; os Doutores da Alegria; Rede Cultural Beija-Flor; e muitos outros. No segundo episódio da quarta temporada, “Trilogia da Terra II”, Manuel Cunha, presidente do Conselho Nacional do Seringueiros, cita a Natura como uma das empresas que investem em projetos na Amazônia. A forma como Cunha pergunta se pode falar sobre a empresa dá a entender que não foi nada combinado ou exigido pela companhia. Segundo ele, para evitar a exploração predatória, a empresa paga R\$ 25 por um material que tem preço de custo de R\$ 14.

Além do patrocínio dessas instituições privadas, a partir da quinta temporada, o programa ganha apoio do Governo do Estado do Rio de Janeiro. O vínculo com o poder público acaba criando outro questionamento, afinal, como manter o mesmo ar crítico e questionador dos anos precedentes se um dos aliados é o Estado? O programa permanecerá criticando certos aspectos do sistema carcerário ou a falta de projetos para egressos das prisões? Coincidência ou não, a temporada de 2012 não teve qualquer programa com críticas em relação a serviços prestados no Estado do Rio de Janeiro. Questões do gênero foram discutidas, mas em outras regiões do país. É verdade que, em anos anteriores, foram apresentados os problemas e também o surpreendente lado bom do sistema carcerário do Rio, bem como a falta de projetos sociais, o abandono de ex-detentos e a violência. Ainda assim, o governo aceitou apoiar o programa do AfroReggae.

José Junior não esconde seus vínculos com membros do governo, seja municipal ou estadual, independente da gestão. Em seu livro, *Da favela para o mundo: a história do Grupo Cultural Afro Reggae*, ele deixa claro a parceria com Ana Maria Maia, da Assessoria Especial de Eventos da prefeitura de César Maia, bem como declarou a boa relação que tinha com a gestão anterior, de Luiz Paulo Conde. Em entrevista para a revista TRIP, o coordenador afirmou gostar muito do atual governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho, que inclusive, o ofereceu escolta policial após as denúncias de estupro e conexão com o tráfico que Junior fez sobre o Pastor Marcos Pereira.

[Sérgio Cabral] me disse: “Irmão, se você quiser sair do Brasil, eu não gostaria, mas eu vou respeitar a sua decisão. Mas, se você ficar, nós vamos te dar toda proteção”. Gosto muito dele, acho que fez bem pro estado onde eu moro. Denúncias? Realmente tem várias denúncias que não se comprovaram ainda. Se for comprovado, ele tem que perder o mandato. Se ele for bandido, como qualquer bandido, tem que ir preso. (JUNIOR apud Monteiro, 2013)

Sem papas na língua, José Junior, um marrento assumido, não nega que é amigo de traficantes, da polícia ou de políticos, como é mostrado no trecho acima. Diferente de um documentário ou de um programa jornalístico, no *Conexões Urbanas* fica clara a intromissão do apresentador, que participa das situações, aparece em quadro, dá sua opinião e intervém no cenário exibido quando acha necessário. Pelo fato de o apresentador não ser jornalista, não há a preocupação com a neutralidade ou imparcialidade esperadas em programas do gênero. Nem o gestual de Junior e de seus convidados condizem.

Talvez, o canal em que o programa seja exibido permita o uso de uma linguagem mais informal, que facilita o tratamento de temas muitas vezes bem pesados ou polêmicos. O público-alvo do Multishow, que tem como slogan “A vida sem roteiros”, era, em 2008, quando a primeira temporada da atração foi ao ar, jovens de 18 a 34 anos das classes A e B<sup>10</sup>. Pensando nesse panorama, o *Conexões Urbanas* atingiria pessoas, de uma maneira geral, que teriam pouco ou nenhum contato com as realidades apresentadas e que, pela idade, teriam, na teoria, a cabeça aberta para absorver tais informações. No entanto, é válido saber se esses meninos e meninas têm, de fato, interesse nesse tipo de programa, que apresentam realidades tão distantes das suas.

É importante ressaltar, porém, que nos últimos anos, a chamada nova classe média vem se tornando uma grande fatia dos telespectadores da TV paga. Em uma pesquisa divulgada em abril de 2013 pelo Instituto de Pesquisa Data Popular, descobriu-se que 95% dos novos assinantes da TV paga são das classes C ou D. Juntos, eles representam 66% do total de clientes dos sistemas de TV por assinatura. Em 2008, a classe C era apenas 17% dos telespectadores.<sup>11</sup> Por isso, as mudanças nas programações de muitos canais para atrair e agradar esse público são claras. O Multishow não exhibe séries estrangeiras dubladas, mas

---

<sup>10</sup> BARBOSA, Adison. “Multishow adota nova identidade visual”. *Marketing Comentado*. 17/04/2013.

Disponível em: <<http://www.marketingcomentado.com.br/2012/04/multishow-adota-nova-identidade-visual.html>>. Data de acesso: 25/11/2013.

aderiu a vários seriados nacionais, sendo um deles, o *Vai que cola*, claramente destinado a esse novo público. Shows ao vivo de artistas populares, como de cantores sertanejos, de pagode ou funk também entraram para a grade da programação. E um dos carros-chefes do canal, o programa de música *TVZ*, também aderiu aos ritmos mais populares. Todos esses dados são importantes para refletir as seguintes questões: para quem José Júnior e o AfroReggae queriam transmitir a mensagem para acabar com o “apartheid social” e todos os preconceitos envolvidos no termo? E, como essas mudanças, quem será quem eles estão atingindo?

Provavelmente, o objetivo inicial era mostrar de forma direta, indiscriminada e clara tópicos que não pertenciam ao dia a dia dos jovens das classes A e B (80% dos assinantes da TV por assinatura em 2008), como imersão nas favelas, lado humano dos traficantes e egressos, os problemas e soluções do sistema carcerário, desmistificação de assuntos como o homossexualismo e prostituição, entre muitos outros assuntos. Não que essas classes econômicas não sejam mais atingidas, afinal, permanecem assinando os serviços de TV, apenas o percentual do público pertencente à classe média ou inferior aumentou.

#### **4.1 Temas recorrentes nas cinco primeiras temporadas**

Entre 2008 e 2012, o *Conexões Urbanas* apresentou 85 episódios, mas muitos deles tinham temas recorrentes ou semelhantes. Assuntos como o papel de mulher e da polícia, homossexualismo, religião, meio ambiente, saúde, projetos sociais, e, claro, favela apareceram algumas vezes ao longo dos cinco anos observados. Dentre esses temas, serão analisados aqueles programas cujo conteúdo mais colaboram com o objetivo de, de alguma maneira, reduzir o preconceito social e mostrar um olhar diferente do oprimido e excluído.

##### 4.1.2 Sistema prisional

---

<sup>11</sup> “95% de novos clientes de TV por assinatura são classe C ou D”. Exame, Tecnologia. 13/04/2013. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/95-de-novos-clientes-de-tv-por-assinatura-sao-classe-c-ou-d>>. Data de acesso: 25/11/2013

O sistema prisional – ou carcerário – foi tema principal de seis episódios ao longo das cinco temporadas analisadas, com programas gravados dentro de cadeias. Desses seis, três são dedicados ao Complexo Penitenciário de Gericinó (antigo Complexo Penitenciário de Bangu): “Cidade Bangu”, “Cidade Bangu II: chapa quente” e “Cidade Bangu III: papo de futuro”, respectivamente, os primeiro, segundo e terceiro capítulos da terceira temporada. Pela primeira vez, uma equipe de TV filmou as carceragens de Bangu. Os programas são descritos da seguinte forma no site de hospedagem de vídeos Vimeo, no qual estão disponíveis os vídeos do *Conexões Urbanas*:

José Junior desembarca no Complexo de Bangu, no Rio, onde vivem enclausurados mais de 23 mil internos, numa diversidade humana e social. Em galerias e celas, Junior abordará temas como superlotação, perigo, rebeliões, assistência médica, projetos educacionais, família, futuro e ressocialização.<sup>12</sup>

Como em todos os episódios de *Conexões Urbanas*, a trilogia sobre o Bangu conta com alguns personagens principais. Do lado da administração, aparecem em destaque Sauler Sakalem, subsecretário das unidades prisionais, que afirma estar lá desde 1985, antes mesmo da inauguração do complexo, que ocorreu em 1987, e César Rubens Monteiro de Carvalho, secretário estadual de administração penitenciária. Da parte dos presos, destacam-se as figuras de Miguel Alves Silva, rapaz de classe média que afirma sem aparentes receios que deve ter assaltado todos os bancos da Ilha do Governador; Marcelo Fernandes “Magaiver”, um ex-professor de Jiu-Jítsu preso por assalto a banco e a carro-forte; Marcelo Tavares “Abóbora”, detido por sequestro; e Francisco Testas, conhecido como “Tuchinha”, que por anos comandou o tráfico de drogas na Mangueira e, posteriormente, virou funcionário do Grupo Cultural AfroReggae no projeto de empregabilidade.

O programa apresenta vários lados e há, em determinados assuntos, disparidade de discursos entre os próprios presos e entre detentos e coordenação. Sauler diz que vivia sonhos lá dentro e acreditava que ia se aposentar e eles não iam acontecer e que hoje estão em prática.

---

<sup>12</sup> Texto disponível no canal do Vimeo do AfroReggae: < <http://vimeo.com/32204395> >. Data de acesso: 30/11/2013

Um deles, é o Colégio Estadual Evandro João da Silva, inaugurado três meses antes das gravações, que leva o nome de um coordenador do AfroReggae assassinado em um assalto. O projeto é resultado de uma parceria do GCA, da SEAP (Secretaria de Estado de Administração Penitenciária) e do apresentador Luciano Huck. Presos de rosto borrado elogiam a escola, dizem que ocupa a mente, acaba com a ociosidade. Por outro lado, Magaiver, afirma: “Todos os diretores dos sistemas penitenciários tem ciência disso, de que a cadeia só está piorando. Isso aqui é um barril de pólvora”<sup>13</sup>. Paralelamente, é exibida uma cena de Sauler, visitando os presos das galerias, que reclamam sobre assaltos nas celas e sobre a dificuldade de fazer o relatório social.

O terceiro episódio da trilogia, o “Cidade Bangu III: papo de futuro”, dá uma ênfase aos projetos que ocorrem dentro da cadeia para auxiliar os detentos quando eles ganharem a liberdade. Além da escola, há a Penitenciária Industrial, que produz embalagens de quentinha, tijolos, pães e conta com uma carpintaria. A ociosidade é relatada como um problema por boa parte dos presos. Para Abóbora, dentro do presídio há tempo para pensar no que “presta” e no que não “presta” e o segundo alimentaria mais a cabeça: “Sua família não entra (na visita) porque chegou cinco minutos atrasada. Isso me alimenta? Isso me ira?”. Já Miguel conta que quando foi preso pela primeira vez aprendeu a sequestrar. Segundo ele,

o Estado, ele tem que humanizar as pessoas. Porque o cara, quando ele entra para o crime, ele é um órfão. Ele vem para cadeia e fica mais órfão ainda, porque, veja bem, é primordial educação, trabalho. Ocupar a sua mente, ocupar o seu corpo. O Estado tem que te apoiar, para quando você retorne pense: ‘Eu tenho apoio’. O Estado está melhorando nessa questão, de não te dar só a tranca e o alimento.<sup>14</sup>

A questão do trabalho e da ociosidade na prisão é tratada por Foucault em *Vigiar e Punir* (1975). Segundo o filósofo francês, o trabalho nas cadeias não pode ser aplicado como uma forma de castigo ao preso e, sim, como uma maneira de ocupar o tempo. Foucault cita o exemplo de operários de uma fábrica de luvas, em meados do século XIX, que se manifestaram quando presidiários começaram a executar a mesma função que eles. Primeiro,

<sup>13</sup> Fala proferida no episódio “Cidade Bangu”, do *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/32204395>>. Data de acesso: 30/11/2012.

<sup>14</sup> Fala proferida no episódio “Cidade Bangu III: Papo de Futuro”, do *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/32233458>>. Data de Acesso: 30/11/2013.

porque se sentiram desprestigiados por terem detentos executando a mesma tarefa, segundo, porque acreditavam que os presos estavam roubando vagas de homens “de bem” e usando os presidiários para reduzir o salário dos funcionários. Ainda nos dias de hoje não é difícil ouvir reclamações por parte da população sobre o dinheiro investido pelo Estado em presos. Para manter um preso na cadeia, se gasta algo em torno de R\$ 1400. Além disso, há ainda o polêmico auxílio-reclusão que garante a detentos o pagamento de até R\$ 971,78. A falta de informação leva à revolta, afinal apenas os presos em regime fechado ou semiaberto contribuintes do INSS têm direito ao auxílio. Do gasto total do INSS em 2011, apenas 0,11% foi com auxílio-reclusão.<sup>15</sup>

Se houvesse maior incentivo por parte do Estado em relação a projetos dentro da cadeia, o índice de reincidência seria menor e, conseqüentemente, os gastos com o sistema prisional também. Além disso, há muito preconceito por parte da sociedade e das empresas em contratar egressos. O próprio Sauler diz, no terceiro episódio sobre Bangu, que ele acredita que o preso está sendo sincero quando diz que não vai voltar para a cadeia. “Mas o mundo lá fora é duro. É muito difícil sair do crime”, conclui o subsecretário das unidades prisionais.

É válido ressaltar que José Junior parece muito à vontade andando pelas galerias de Bangu, com os detentos todos soltos. Enquanto caminha, cumprimenta os presos como quem fala com velhos amigos, criando um clima menos tenso do que aquele que costuma existir em entrevistas para programas de TV, muitas vezes enfatizado por uma trilha sonora “apropriada” para situações de tensão. Na trilogia, o clima é sempre despojado, inclusive com Junior batendo papo com um dos presos, Magaiver, de dentro de sua cela. O apresentador pergunta, sem constrangimento: “Por que você está preso?”. E a maioria dos entrevistados responde com a mesma naturalidade com a que foi questionado.

Outro episódio dedicado a um presídio é o terceiro da primeira temporada, o “Liberta Moda”, sobre um projeto desenvolvido na Penitenciária Juiz Plácido de Souza, em Caruaru, Pernambuco, que coloca presos para produzirem artigos de moda, como calças jeans e roupas de malha. Começou com um preso que tinha o dom de desenhar roupas e outro, que tinha máquinas de costura, ensinou os demais interessados. Em 2008, já haviam tirado o primeiro lugar no desfile do Baile Municipal de Recife. Neste episódio, José Junior bate, mais uma vez,

---

<sup>15</sup> Dados disponíveis no site do Governo Federal. Disponível em: <<http://agencia.previdencia.gov.br/e-aps/servico/350>>. Data de acesso: 30/11/2013.

na tecla da questão da primeira, segunda e terceira chances para o ser humano. Também ressalta a questão da escassez de oportunidades fora da cadeia e que a primeira que aparece é o retorno à vida do crime. Como um contraponto, mostram Jean Carlos da Silva “Pérola Negra”, que ganhou no presídio uma bolsa para cursar faculdade de Design de Moda.

Outro programa no qual o tema da dificuldade do preso retornar à sociedade é mostrado é o oitavo da quinta temporada, “Presídio Central”. Mais uma vez é ressaltado o fato, nessa oportunidade pelos próprios presos, de que não há alternativas de emprego e que eles são muito estigmatizados e, por isso, acabam voltando para o mundo do crime. O Presídio Central, situado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, foi criado, a princípio, para receber presos provisórios. Hoje em dia, conta com todo o tipo de preso e a superlotação é tamanha que os detentos vivem com as celas abertas: todo o espaço de circulação e corredores viraram alojamentos. Durante as gravações, filmam um preso machucado e aceitam a informação de que ele caiu, não insistem ou tentam saber mais, mesmo com o depoimento de Marcos Rolim, jornalista e especialista em segurança pública, que diz que tem acompanhado muitos casos de tortura e assassinato dentro do presídio.

A forma como José Junior trata os presos de Porto Alegre é a mesma como ele lida com aqueles do Rio de Janeiro, mas dá para notar que é um campo de atuação bem mais limitado. Os detentos estão nos pátios na hora das entrevistas e um dos poucos momentos em que o apresentador consegue falar com eles, é por detrás das grades. O único momento em que entra com os presos na cela é para entrevistar aqueles que estão participando do programa de desintoxicação.

Por fim, o outro episódio dedicado aos presídios se diferencia dos demais porque exibe uma cadeia feminina, a Talavera Bruce. O episódio abre com um concurso de calouras realizado no presídio, o Festival da Canção da Mulher Presidiária, evento pensado a fim de aumentar a autoestima das presas. O programa ilustra bem a diferença entre um presídio feminino e um masculino. No Talavera Bruce, as detentas não precisam usar uniforme, podem fazer o cabelo e se maquiar. O deputado estadual Marcelo Freixo, participa deste episódio, o décimo sétimo da primeira temporada, e diz que o presídio não é diferente de quase todos os outros do Rio de Janeiro e do Brasil, tem as mesmas dificuldades (“poucos agentes, pouco investimento”), mas se destaca porque a direção seria sensível e os

funcionários responsáveis permitiriam uma cadeia em que se cumpra a pena sem perder a dignidade.

Ao longo do programa, revezando com os depoimentos, são mostradas as apresentações do concurso de canções. Todas as músicas foram compostas pelas próprias presas e todas elas, com exceção de uma dupla que cantou música evangélica, falavam sobre a situação em que viviam, da vida na cadeia e a saudade da família. A atração cria um clima que faz com que o telespectador queira saber quem venceu a disputa. O nome só é revelado no último minuto do episódio e o prêmio é entregue pelo Rei Momo do Rio de Janeiro.

A disparidade de discursos também se faz presente aqui. Em contraposição ao que foi dito por Freixo, uma das detentas, Ana Lúcia Dantas, desabafa: “Isso aqui deveria ser uma reciclagem de 'lixo humano' e, às vezes, a gente vê as pessoas ficando piores. O brasileiro na prisão não é massacrado, é ralado mesmo”. O programa, no entanto, apesar de dar voz à crítica, não a explora. A maior parte dos depoimentos não fala sobre a prisão em si, mas sim sobre como e por que aquelas mulheres foram presas.

Um dado interessante sobre as detentas é que boa parte delas entrou no crime por causa de um amor. Viraram cúmplices e ajudavam os homens que amavam e acabaram presas - e, na maioria dos casos, abandonadas por eles e seus parentes. Vale destacar que isso não é uma regra e que o programa também mostra presidiárias sem qualquer conexão com homens.

Neste episódio notamos que a detenta Ivone Mendonça “Gaúcha” tornou-se a personagem principal. Loira, bonita, bem arrumada e articulada, ela dá entrevista a José Junior de dentro de sua cela, em sua cama. O tom da conversa é diferente, menos agressivo daquele usado com os homens. Junior aparece quase como um sedutor, ao falar que achava que ela era menos *periculosa*, que ela era “*periculosinha*”, ao saber que a loira deu tiros para cima da polícia para não ser capturada. Gaúcha disse que se tornou viciada em crack por causa de um ex-marido e, por isso, se envolveu no crime.

A questão da empregabilidade também é retratada nesse episódio. Freixo diz que prisão é pena de morte social:

É capaz de você cumprir 20 anos de prisão no Rio de Janeiro e você sai sem dinheiro de passagem, sem seus documentos e sem nenhum contato. (...) Não tem nenhum trabalhão para o egresso, decente, sério, pelo poder público. Não tem nenhum investimento nesse setor, quem sai da prisão, precisa ser amparado. O que a gente tem hoje é pena de morte social.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Depoimento dado no episódio “Talavera Bruce”, do programa Conexões Urbanas. Disponível em: <<http://vimeo.com/30103258>>. Data de acesso: 01/12/2013



#### 4.2.2 Bandidos

Como se era de se esperar, o programa *Conexões Urbanas* abordou as temáticas sobre bandidos em diversas oportunidades, com alguns programas dedicados exclusivamente ao tema. O que há de comum em todos os programas é a forma como esses criminosos são mostrados e tratados. José Junior conversa com eles em clima de intimidade, como se falasse com velhos conhecidos (e alguns, de fato, o são) e como quem tem conhecimento e propriedade para falar sobre assuntos que outros programas mais tradicionais não tocariam. Perguntas como “você é *perigoso*?” fazem parte das conversas. O conteúdo de alguns bate-papos pode surpreender, mostrando traficantes que entram para o mundo do crime por filosofia de vida, medo ou para se vingar de alguma injustiça cometida pela polícia (não apenas por necessidade) e a afirmação, por parte deles próprios, de que há bandidos bons e ruins.

Talvez, o episódio mais marcante com esse tema seja o “Conflitos II: Bandidos”, segundo da segunda temporada. Nele, José Junior conversa com homens e meninos que ainda estão trabalhando no tráfico de drogas. O papo é franco, aberto e escrachado. Rapazes portando fuzis e granadas, sem camisa e de chinelo de dedo são os guerreiros das favelas. A imagem, inclusive, remete à de Flávio Negão, descrita por Zuenir Ventura em *Cidade Partida*, que, mais de uma década antes comandava a favela de Vigário Geral. A impressão que dá é que, apesar das armas pesadas, a situação do tráfico de drogas no Rio de Janeiro, pelo menos daqueles que batem de frente com a polícia - e não o alto escalão -, permanece igual. A descrição deste episódio, que vai ao ar logo depois de um programa dedicado à polícia, ressalta o objetivo do bate-papo: “Numa conversa sobre armas, drogas e sonhos, Junior tenta colaborar com a desmistificação dos personagens que estão do outro lado da tragédia carioca e são alvo constante do preconceito e da exclusão social”.

Os traficantes admitem que sejam ídolos das crianças. Segundo um gerente de boca de fumo, ele tem que afastar os pequenos que tentam “colar” neles. Já um soldado afirma que passa para eles que o crime não leva a nada e que faz isso porque, caso contrário, vai se sentir traindo a comunidade. Ele diz que as crianças se espelham no que está mais perto e questiona

Onde é que está o Estado aqui? A única secretaria do Estado que ‘tá’ aqui é a de Segurança Pública, mais nenhuma. Aponta aí, educação, saúde. Cadê?

Saneamento básico. Aí tu *quer* que o cara seja polícia como? Qual é a opção que ele tem? Aí ele olha e vê duas: ‘eu vou estudar e morrer como o meu pai, trabalhando, aposentado; ou eu vou ser bandido e tentar o que eu nunca tive.’<sup>17</sup>

José Junior mostra-se à vontade fazendo as entrevistas e fala para um dos criminosos que o conhece há muito tempo e que ele é uma pessoa que sempre se envolve em prol da comunidade. O apresentador não esconde que conhece como funcionam os esquemas do tráfico e que sabe quem são os reais chefes. Ao conversar com o tal traficante que conhece de longa data, o homem revela que tem vontade de sair do tráfico, mas que não é tão simples, porque, apesar de ser a vida errada, envolve muitas responsabilidades. Junior, então, se prontifica a ajudá-lo a acelerar o processo, falando com o chefão no presídio. O dono da boca fica receoso e o apresentador disse que precisa fazer isso, pois se algo acontecesse a ele, iria sentir-se culpado. “Você já me ajudou muito, mesmo estando no crime. Já consegui fazer muita coisa boa para muita gente porque cruzei com bandido como você que teve a consciência de não atrapalhar o nosso trabalho”, elogia Junior. O cumprimento é raro de se ver em programa de TV, afinal, o homem elogiado é um criminoso em ação.

Os motivos pelos quais pessoas que não são ruins acabam no tráfico são explorados no primeiro programa do *Conexões Urbanas*, “Violência e prevenção”. O episódio traça um panorama sobre a questão da violência e conta com depoimentos de traficantes e ex-traficantes, falando a razão por que entraram no mundo do crime. Um deles é Washington Rimas, mais conhecido como Feijão, ex-dono do tráfico da favela de Acari que atualmente é ator e trabalha no GCA. Ele disse que entrou para aquela vida porque queria um tênis Nike e uma geladeira cheia de iogurte, que só via na casa dos bandidos. Foi percebendo os amigos entrando na marginalidade e só conseguindo os objetos de desejo estando no tráfico. Feijão trabalha atualmente no AfroReggae ajudando a tirar pessoas do tráfico e diz que há três fases no mundo do crime: a fascinação de quando se entra, a embriaguez do sucesso quando ele consegue o auge e se sente poderoso e a depressão de quando se quer sair.

O programa conta com depoimentos de outros homens e mulheres relatando como entraram para o crime ou o motivo pelo qual foram presos. Um deles é o Marquinho, homem de 22 anos que estava há 10 no tráfico. Ele afirma que existem pessoas boas vendendo drogas, que fazem isso para se manterem. José Junior pergunta quanto ele ganha por semana e ele responde “R\$ 300”. O apresentador diz: “para quem trabalha arriscando a vida, ganha mal

---

<sup>17</sup> Fala proferida no episódio “Conflitos II – Bandidos”, do programa *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/31429306>>. Data de acesso: 19/09/2013.

para caramba”. E emenda: “Tu quer largar do crime?”. Marquinho diz que sim: “(essa) não é uma vida para mim, é para um cara que é ruim, que parece que nasceu para isso”. Junior pergunta em quanto tempo ele conseguiria sair e a resposta é rápida: “em uma semana”. A questão seguinte é interessante e deixa claro que sair do mundo do crime não depende só da vontade da pessoa: “Já está negociada a sua saída?”. O traficante diz que sim e que só depende de uma oportunidade, que é oferecida pelo apresentador.

Marquinho é, na realidade, Luciano da Silva, o Lulinha, que volta ao programa no episódio 13 da segunda temporada, o “Empregabilidade”. Junior começa o papo com o entrevistado de costas para a câmera, assim como no primeiro episódio. Mas diz “agora ele pode mostrar o rosto”, porque realmente saiu do tráfico, como havia prometido e conseguiu emprego de manobrista em uma rede de estacionamentos. “Agora eu ando de cabeça erguida, não preciso me esconder. Agora que faço parte da sociedade, o que eu não fazia”, diz o ex-traficante. O curioso é que uma semana depois da sua saída, o chefe do tráfico da comunidade em que ele atuava foi morto e, caso ele ainda estivesse envolvido, provavelmente também teria falecido.

Nesse mesmo episódio, o apresentador mostra o projeto Empregabilidade do Grupo Cultural AfroReggae, que busca empregos para ex-traficantes e egressos. O coordenador é nada menos que um deles, Norton Guimarães, um homem de 52 anos que ficou 32 no crime, sempre assaltando. Ele diz que saiu da cadeia com a intenção de não voltar mais, mas teve dificuldades para conseguir emprego e, inclusive, ele e sua família passaram fome. “Infelizmente, grande parte da nossa população é hipócrita, ela não quer a ressocialização. (...) Comecei a passar sufoco, querendo me empregar. Qualquer coisa, até trabalho informal eu queria”, disse Guimarães. Segundo ele, quando conheceu José Junior estava muito magro, barbudo e sem dente algum, mas ainda assim, ganhou uma oportunidade, mesmo sem do coordenador do AfroReggae mesmo sem que ele o conhecesse ou soubesse de sua índole. “Naquele túnel escuro em que eu não via mais nada, você clicou. (...) Agora o túnel está iluminado para trás, para quem está vindo e eu só chamo ‘vem’, ‘vem.’”, fala o homem que agora ajuda ex-criminosos a encontrarem emprego. Em 2009, o projeto já havia encaminhado 486 pessoas e, desses, apenas um causou problema, porque teve recaída por causa de problemas com uso de drogas.

O episódio mostra a felicidade daquelas pessoas trabalhando em um emprego digno, de carteira assinada, sem ter que se esconder do mundo. O salário, muitas vezes, é muito inferior ao oferecido pelas bocas de fumo ou gerados em assaltos, mas todos dão a entender

que nada paga a liberdade de ir e vir, de aproveitar a vida em família e a possibilidade de dormir um sono tranquilo. “Hoje a liberdade de poder levar meu filho no cinema tem muito mais riqueza do que aquela vida de glamour”, diz Feijão em uma das entrevistas. Além disso, naquelas falas e naqueles rostos sorridentes e muitas vezes simpáticos, não se reconhece os bandidos que criamos em nossas mentes, na maioria das vezes projetados com o auxílio dos veículos de comunicação. Uma frase do egresso Robson da Silva foi tão marcante que foi replicada em dois programas da primeira temporada, “Violência e prevenção” e “Óleo reciclado”. Ele diz: “O repórter não pergunta para você ‘qual é a sua necessidade? Por que você fez isso?’. Ele simplesmente te filma e coloca ‘bandido *periculoso* da área tal’”.

Nota-se um esforço e repetição do discurso de que todos merecem uma segunda chance e que todo ser humano é “recuperável”. Segundo o próprio José Junior, a pergunta que ele mais fez ao longo de todas as temporadas do programa foi: “o ser humano merece uma segunda chance? “70” é o septuagésimo programa a ir ao ar e mostra como estão alguns personagens exibidos ao longo das quatro primeiras temporadas. Entre eles está Tuchinha, entrevistado na série sobre Bangu, que é mostrado primeiro, em 2010, chorando, falando que queria ter mais tempo para viver com a família e ter uma vida normal. Após a abertura do programa, o ex-dono do tráfico do Morro da Mangueira aparece saindo para o regime semiaberto e tornando-se membro do Grupo Cultural AfroReggae. Outro exemplo exibido é o de Chinaider Pinheiro, que apareceu em outras temporadas do programa. Na primeira, estava detido no presídio Muniz Sodré; na segunda, surge, já livre, no programa de empregabilidade. Na quarta, aparece cursando Direito, de óculos de grau e gel no cabelo, e diz que quer impulsionar os outros a fazerem faculdade e dar o exemplo para que eles também estudem.

Luciano da Silva, o Lulinha, também volta nesse episódio. Ele já estava fora do tráfico há quatro anos, havia participado do programa *Caldeirão do Huck*, na TV Globo, em um quadro para obter dinheiro para ajudar a família e, graças à participação, conseguiu um emprego no Comitê Olímpico Brasileiro, porque disse que seu sonho era trabalhar com esportes. Na época em que a entrevista foi realizada, em 2011, estava estudando Educação Física. Por fim, o episódio mostra, dois anos depois, o rosto dos três rapazes que apareceram de chinelo, bermuda e armas na cintura no episódio “Bandidos”. São eles Marcos Coutinho, assistente de som do *Conexões Urbanas*; Juscelino Vitorino, cinegrafista do AfroReggae; e Diego Santos, que ficou nacionalmente conhecido como Mister M, quando se entregou à polícia após a entrada das forças armadas no Complexo do Alemão a pedidos da mãe, em 28 de novembro de 2010. Os rapazes continuam trabalhando juntos, mas, agora, em liberdade.

Vitorino fala: “Acho que a gente tem mais que influenciar o mundo para o bem do que para o mal. Isso é o ciclo do bem, que a gente vai continuar fazendo”. O apresentador ressalta que os rapazes surpreenderam e que, além de muito esforçados, são talentosos.

Em “70”, as entrevistas foram feitas de maneira que criaram uma sensação de extrema descontração e de uma forma que visava ressaltar a liberdade. Em alguns momentos, estão entrevistador e entrevistados sem camisa, em um local com praia e montanhas, deixando clara a contraposição com o cubículo cinza em que poderiam estar caso tivessem continuado na criminalidade. O programa, inclusive, é encerrado com a imagem dos três rapazes brincando à beira do mar como crianças, subindo e derrubando uns aos outros, como se estivesse aproveitando algo que lhes foi privado por muito tempo.

No entanto, nem todos conseguem voltar à vida em sociedade, como é o caso de Ivone Mendonça, a Gaúcha, que Junior conhece e entrevista no episódio “Talavera Bruce”. A loira reaparece no episódio “Empregabilidade”, trabalhando como secretária do projeto. Dez meses depois de entrar no emprego, durante a prisão semiaberta, a gaúcha tentou suicídio e nunca mais voltou ao trabalho ou para a cadeia. Em 2012, três anos depois, Ivone ficou nacionalmente conhecida devido a um assalto a um restaurante na Tijuca, no Rio de Janeiro, no qual foi assassinada em uma troca de tiros com a polícia. Quando o programa “70” foi gravado, ela ainda não havia falecido, mas foi um caso de recaída e perda para o projeto, porque ela havia voltado para o mundo do crime e fugido da prisão. Apenas os casos de sucesso foram citados e deixaram exemplos como o dela de fora do episódio.

O *Conexões Urbanas* também viajou para periferias de outros países e mostrou como funciona o crime em alguns desses lugares. O episódio “Maras”, sexto da terceira temporada, e “Medellín”, décimo segundo da mesma temporada, se passam, respectivamente em San Salvador, El Salvador, e em Medellín, Colômbia. José Junior diz, logo no início do primeiro, que El Salvador está em primeiro lugar em homicídios no mundo. O curioso é que os motivos pelos quais os jovens entram para o crime nesses países ou no Brasil não mudam muito, salvo algumas diferenças socioculturais. Em El Salvador, os jovens viram “pandilheiros” aos 12, 13 anos, para fazer amigos, ter mulheres, dinheiro, drogas e poder, motivos semelhantes aos que levam muitos jovens brasileiros a entrarem para o tráfico. Um dos “pandilheiros”, preso, diz que a pandilha passa a seguinte mensagem para os jovens: “Quer ser um perdedor? Estudar anos para ficar desempregado ou quer ter o poder agora?”. Os criminosos de El Salvador têm em comum as inúmeras tatuagens, inclusive no rosto, e acabam criando um estigma que recai sobre as pessoas que têm desenhos pelo corpo. Por isso, há, inclusive, um programa do

governo local que auxilia os arrependidos a remover as tatuagens. No entanto, sair da vida do crime não é fácil como apagar os desenhos e a pessoa pode, inclusive, ser assassinada por seus ex-parceiros.

Em Medellín, a situação não é muito diferente, e o programa conversa com um menino de 12 anos, que está no tráfico desde os oito. Ele trabalha levando armas para os “grandes” e, surpreendentemente, tem outros 40 meninos sob o seu comando. O pré-adolescente diz que está no crime porque precisa, mas afirma que ordena que seus comandados batam em outros garotos que zombam dele, ou seja, além do dinheiro, o poder também conta a favor para que escolham essa “profissão”. Na Colômbia, deixar o paramilitarismo, poder paralelo de lá, também é complicado. Segundo paramilitares, a pessoa não pode sair da facção, porque, caso contrário, será morto. A conclusão que se tira é que, em todos os países analisados, a maioria das pessoas que pega em armas e vai a combate são os mais pobres e que tiveram menos oportunidades na vida. É claro que poderiam ter escolhido outros caminhos, mas, como foi repetido em diversos episódios, a tendência é que os jovens se espelhem no exemplo que está mais próximo. E, em muitos casos, se não houver orientação, esse exemplo será dado por bandidos.

Vale ressaltar uma fala do juiz federal Odilon de Oliveira, no episódio Fronteiras IV, da quinta temporada, ao responder se os rapazes filmados pela televisão fugindo do Complexo do Alemão no dia 28 de novembro de 2010 da entrada, após a entrada das Forças Armadas, seriam os verdadeiros traficantes do país. Ele diz que não. “Há caras de chinelo de dedo sendo presos como grandes traficantes. Os grandes traficantes têm fazendas e andam livres pelas cidades.”

#### 4.2.3 Favela

Como se poderia esperar, o *Conexões Urbanas* dedica alguns episódios para falar sobre favelas e a tentar desmistificar a imagem que parte da população tem de seus moradores. O episódio “Pacificação”, gravado na segunda temporada, busca mostrar como estão duas comunidades que receberam UPPs: Santa Marta, em Botafogo, e Batam, em Realengo. O Batam vivia sob o domínio de milícias e foi o projeto-piloto da pacificações, depois que jornalistas do jornal *O Dia* foram torturados, em 2008. O Santa Marta foi o primeiro local a receber uma Unidade de Polícia Pacificadora de fato.

O episódio tenta mostrar como a polícia interage com os moradores da comunidade, tendo como personagens principais a Capitã Priscila, comandante da UPP do Santa Marta, e

o Capitão Eliézer, comandante da UPP Jardim Batam. Ambos dizem que, no início, foi difícil conquistar a confiança de quem morava na comunidade, acostumada a ver a polícia entrando nas favelas armadas e sob tiros. Moradores se mostram muito satisfeitos com a suposta tranquilidade resultada da pacificação, mas demonstram temer que um dia ela acabe e os bandidos retomem a força que tinham anteriormente. O episódio poderia ser mais crítico, parece um pouco propaganda das UPPs. Não falam sobre a questão da permanência do tráfico não armado nas comunidades nem dos tiroteios e ataques à polícia que acontecem, algumas vezes, em favelas já pacificadas. A única crítica feita, pelos próprios policiais, ao longo do programa, é ao fato de a polícia ter ficado com responsabilidades que dizem respeito a outras instâncias do poder público.

O sétimo episódio da terceira temporada, “Complexo” tenta traçar um panorama do Complexo do Alemão em um momento pós-pacificação. “Aqui existem cicatrizes e lembranças de um passado de perigo e medo. Mas essa história começa a ser reescrita. Nada melhor do que vir no Complexo do Alemão que raramente é mostrado”, diz José Junior na abertura. O programa é gravado dentro da favela e o apresentador passa por locais antes dominados pelo tráfico. Dentre os entrevistados, está Bororó, o presidente da associação de moradores, que anda abraçado com Junior pelas vielas da comunidade. Ele diz que o papel do presidente é muito importante, por ele ser um interlocutor dos problemas existentes e tentar resolver o máximo possível. Diz que são muito cobrados porque o poder público é ausente.

Outro personagem que é destaque no programa é Reginaldo Lima, coordenador de relações governamentais do AfroReggae, nascido e criado na comunidade. Lima, quando adolescente, resolveu catar materiais recicláveis para ajudar a renda da família e passou a ler todos os textos que encontrava, fosse monografia ou um livro com páginas faltando. O homem robusto, entrevistado na escadaria da favela, diz ter lido, deste modo, grandes nomes, como Platão, Sócrates e Fiódor Dostoiévski. Reginaldo cita um caso no qual ele entendeu o que era inteligência de fato: seu pai era um mestre de obras que mal sabia ler e certo domingo foi procurado por um engenheiro desesperado porque não sabia como resolver um problema. Seu pai pegou um lápis e solucionou a situação que um homem que havia estudado cinco anos para aquilo não estava conseguindo. O personagem é um exemplo vivo de que pobre e favelado só precisa de uma oportunidade para desenvolver todas as suas capacidades.

Um bom exemplo de jovem negro e favelado que ganhou as ferramentas necessárias e voou alto é Renê Silva, jovem morador do Complexo do Alemão que criou o jornal *A Voz da Comunidade*. Ele resolveu criar uma publicação para sua rua e a escola, a Escola Municipal

Eucide de Gasperi, custeava a produção, oferecendo os computadores, papel e a impressão. O primeiro número saiu em agosto de 2005 e, no início, eram distribuídos 100 jornais. Na época em que o programa foi gravado, em 2010, eram distribuídos três mil exemplares e a publicação se sustentava com publicidade de comerciantes locais. Renê, certa vez, conseguiu dar um furo de reportagem, ao anunciar que o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva iria visitar o Complexo do Alemão. O adolescente e seu jornal ficaram conhecidos a nível mundial quando, durante a ocupação da favela pelas forças armadas, narrava no perfil do Twitter da publicação o que estava ocorrendo. Era o único veículo que tinha a informação de dentro da favela. O número de seguidores pulou de 180 para 30 mil.

#### 4.2.4 Preconceitos: social, racial e de gêneros

O preconceito foi um tema bastante debatido ao longo das cinco temporadas do *Conexões Urbanas*. Diferente do que muitos poderiam esperar, não apenas a discriminação contra o pobre ou o favelado foi abordada. O programa trouxe à tona os preconceitos contra a mulher, gays, travestis, negros e garotas de programa.

##### 4.2.4.1 Homofobia

A homossexualidade foi assunto de três programas do *Conexões Urbanas*, que mais do que tratarem sobre a questão do preconceito, desmistificam muitos tópicos acerca do tema. Assuntos pouco abordados, como o preconceito com os gays pobres, e até mesmo denúncias chocantes foram colocados em pauta. Em todos eles, de qualquer modo, foi deixado muito claro que os gays ainda sofrem muito preconceito no Brasil e uma frase proferida por José Junior na abertura do episódio “Homofobia I” resume bem a situação: “Festejamos o gay em público e o matamos às escondidas”.

No episódio 22 da primeira temporada, “GLBT”, a atração tem como assunto principal a ONG Conexão G, da comunidade da Maré. A abertura do programa se dá com o apresentador andando de braços dados com Gilmar dos Santos, o fundador do grupo, como uma maneira de mostrar que não só falam sobre a questão do preconceito, mas que o GCA age sem ele. Gilmar tem sobranceiras feitas, cabelos cacheados compridos e trejeitos delicados. O gesto é simbólico, mas representativo.

Um tema pouco abordado em outros veículos é o fato de o movimento LGBT (sigla que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis) ser muito elitista. O negro, pobre e



homossexual sofre muito mais preconceitos do que o gay de classe média. O Conexão G é bem aceito no movimento, mas ainda encontra problemas, permanece não sendo visto como igual. Ou seja, no episódio se denuncia preconceito entre os próprios membros, contra os gays pobres. Mauro Lima, vice-presidente do Conexão G, é um jovem homossexual negro e morador de comunidade, que relata que nem mesmo as boates GLS são democráticas. “Tem gente que não se sente à vontade de ir para uma boate GLS porque não está com uma roupa legal. Se ela não estiver com uma roupa legal, ela vai ser mal vista. Isso é um espaço democrático? Não, isso é um gueto”, explica Lima.

Outro personagem que ganha destaque é a cientista social Silvia Ramos, que no meio do programa diz que é casada, há 18 anos, como uma mulher e que já foi casada, duas vezes, com homens. Silvia diz que o Brasil é um dos países mais homofóbicos do mundo. Além dos muitos assassinatos anuais, pesquisas informam, segundo ela, que 20% dos entrevistados já foi vítima de violência física e 60%, de violência verbal. Esses dados são muito díspares com o que os brasileiros heterossexuais notam vindo de fora, afinal, São Paulo tem a maior parada gay do planeta e ainda assim, constam esses dados alarmantes. Segundo a cientista, domina a política do “na vida pública, eu respeito e aceito; na vida privada, eu meto a porrada”.

José Junior, inclusive, abre a série de dois episódios sobre homofobia, apresentada na quarta temporada, citando a parada gay de São Paulo e o fato de o Rio de Janeiro ter sido eleito o melhor destino gay do mundo. E conclui falando que, ao mesmo tempo, é um dos países que mais mata e agride homossexuais. Ao começar o programa, o apresentador manda um recado, falando direto para câmera: “Independente de nossa opção sexual, todo mundo tem que ser contra (a homofobia)”. A questão da violência é retratada no episódio “Homofobia I” e tem o deputado federal Jean Wyllys, defensor no Congresso dos interesses da população homossexual, como um dos entrevistados. Wyllys diz que todo ano são assassinados mais de 200 homossexuais no país. Para o deputado, a homossexualidade não é criminalizada de direito, mas é criminalizada de fato. As pessoas morrem, são injuriadas, insultadas porque são homossexuais. Para exemplificar um desses casos de violência, o programa mostra o depoimento de Renata Perón, uma travesti e cantora, que foi agredida por um jovem, em São Paulo com um chute no quadril. Ela ficou de meia-noite às 7h da manhã esperando ajuda e acabou perdendo um rim.

Apesar de os programas tratarem de um tema delicado, o tom das conversas é sempre descontraído e, algumas vezes, surpreendente. É o caso do bate-papo com o gestor social Marcelo Garcia, que foi vice-ministro do governo de Fernando Henrique Cardoso. José Junior

lista uma série de cargos políticos nos quais Garcia trabalhou e conclui falando “Você é homossexual declarado”, mas é interrompido pelo entrevistado que diz: “Eu sou viado aberto, eu gosto da vida do viado, eu não sou homossexual, não”, arrancando uma risada do apresentador. Ele diz que nunca sofreu preconceito, porque nunca escondeu o fato de ser “viado” e, por isso, não teria o que temer. Isso acaba por evidenciar, de alguma forma, como os gays pobre sofrem muito mais preconceito do que os que têm melhores condições financeiras. A situação não é abordada no programa “Homofobia I”, mas é bastante explorada no episódio “GLBT”.

A questão da criminalização da homofobia também é abordada na série “Homofobia”. Garcia diz: “Negro fede, deficiente é um nojo e viado tem que morrer. Sabe qual a diferença das três (expressões)? O terceira não é crime”<sup>18</sup>. Jean Wyllys também toca no assunto e fala sobre o crime de ódio, que é aquele no qual não apenas a vítima é a pessoa agredida, mas toda a comunidade a que ela pertence. Um crime de ódio, que é citado no episódio “Homofobia II” e é pouco discutido na mídia tradicional é a questão do estupro corretivo, praticados por grupos neonazistas contra lésbicas. Irina Bacci, homossexual e coordenadora do Centro de Referência da Diversidade e do Grupo Pela Vidda, relata que, em São Paulo, as mulheres são sequestradas por um período e são estupradas com o objetivo de corrigir a orientação sexual. “Isso é uma das coisas muito cruéis e muito silenciosas que acontecem no Brasil que, infelizmente, ainda, o Poder Público, no caso a segurança pública, não dá conta”, lamenta.

Um dado interessante sobre esses três programas que abordam a homossexualidade e o preconceito é o fato de todos os travestis entrevistados são tratados da forma como eles querem e se sentem, e não de acordo com os seus documentos. Apesar de Junior não parecer tão à vontade com o tema como é com assuntos como criminalidade e periferia, o programa usa recursos interessantes para mostrar como um heterossexual pode e deve tratar gays, lésbicas e travestis. Além de começar o episódio “GLBT” de braços dados com um gay assumido, o apresentador encerra “Homofobia I” pedindo que um casal de homens dê um beijo e fala “Capricha, hein?”. Em “Homofobia II”, Junior termina a conversa com um grupo de apoio a travestis, formado essencialmente também por travestis, falando que aquele foi um papo que marcou a sua vida. “Acho fundamental vocês nos ensinarem a ter cada vez mais respeito pelo ser humano. Eu saio daqui uma pessoa melhor”, diz, depois de se despedir dando um beijo em cada uma.

---

<sup>18</sup> Os programas foram gravados em 2011. Em 2012, a comissão de juristas aprovou a criminalização da homofobia no novo Código Penal.

#### 4.2.4.2 Preconceito contra a mulher

A mulher, por séculos, era vista pela sociedade patriarcal e machista como inferior aos homens. Não podia trabalhar ou votar e muito menos assumir um cargo público. O *Conexões Urbanas* produziu dois episódios que buscam mostrar esse novo espaço da mulher no Brasil e também como elas são vistas em outros lugares do mundo. Um terceiro episódio aborda o preconceito que a sociedade tem com as mulheres que tiram seu sustento da prostituição. José Junior fala na abertura do episódio “Mulher”: “O Brasil é contraditório. A gente não cansa de enaltecer a beleza feminina, mas as pesquisas mostram um país machista, onde as mulheres sofrem violência dentro de casa, e têm salários 60% mais baixos que os dos homens”.

Os episódios “Mulher” (número 21 da primeira temporada) e “Poder” (décimo sétimo da quarta temporada) falam basicamente do mesmo assunto, mas, a principal diferença é que o primeiro mostra apenas as mulheres de comunidades pobres e, em sua maioria, negras e o segundo conta com entrevistas de pessoas conhecidas e profissionais renomada. Em ambos, porém, surge a questão da maior dificuldade para a pessoa do sexo feminino e negra conseguir o seu espaço. Uma questão tratada de maneira sutil no primeiro programa e com mais ênfase no segundo, é o fato de as mulheres, quando começaram a tentar se inserir no mercado de trabalho eram, simplesmente, caricaturas de homens. Usavam gestos, roupas e comportamento que remetiam aos masculinos, a fim de obter respeito e conseguir seu espaço.

No programa “Mulher” são mostrados dois projetos sociais voltados para as mulheres: a banda de percussão Didá, da Bahia, e o projeto de dança afro Majê Molê, de Pernambuco. A banda Didá foi fundada por um homem com o objetivo de combater o machismo e o sexismo. Neguinho do Samba, quando ia a faculdades estrangeiras para fazer *workshops* de percussão, ouvia os “gringos” dizerem que a mulher era muito fraca para tocar. A partir disso, começou a fazer instrumentos menores e elas, então, começaram a participar de seus cursos. Logo depois, resolveu criar o projeto da banda Didá. Vivian Caroline é uma negra bonita, com cabelo e acessórios afro, e uma das fundadoras do grupo. Segundo ela, a mulher estava acostumada a dançar, não existiam garotas tocando tambor. Ela reforça a questão de querer imitar o homem, porque era o modelo que havia até então: “No começo a gente brigava com o tambor, porque a gente queria fazer igual aos homens. O Didá não toca como homem, nós tocamos tambor como mulher”. Caroline afirma que a mudança na autoestima das meninas é plena e pode ser notada na postura, no jeito como jogam o cabelo. De qualquer modo, o

preconceito e o machismo ainda existem e a percussionista diz que, no início, muitos homens perguntavam o que aquelas meninas iam fazer com aqueles tambores e que diversas vezes, durante a apresentação, sequer balançavam a cabeça, em demonstração de apoio.

Além do panorama brasileiro, o programa mostra como muitas mulheres filipinas fazem para ganhar dinheiro. O *Conexões Urbanas* foi ao centro financeiro de Hong Kong em um domingo, quando o local é tomado por centenas de filipinas. Com inúmeras mulheres ao fundo e um enorme burburinho, José Junior enumera que elas são, em geral, médicas, engenheiras, advogadas, que foram para lá atrás de emprego e trabalham como domésticas. Essa questão, pouco explorada pelos veículos do Brasil, ganha alguns minutos no programa com depoimentos das mulheres, que dizem que nas Filipinas o trabalho permite comprar comida e roupas, mas na China, conseguem dinheiro para comprar uma casa ou que mais quiserem. O episódio conta ainda com entrevista com a jornalista, documentarista e ativista indiana Tahan Khan, que tem como causa principal divulgar os problemas sociais da Índia. Ela diz que não é muito fácil ser jornalista por lá, mas que a situação está melhorando, que as pessoas estão aceitando melhor falar com uma mulher com uma câmera. Mas, segundo ela, ainda há o preconceito de que ela precise de um homem para mexer em equipamentos tecnológicos. Vale ressaltar que o episódio 12, da primeira temporada, foi totalmente dedicado à Índia e nele, Arthur Simões, um ciclista brasileiro que viaja pelo mundo pedalando e escreve sobre as impressões que tem sobre os locais, conta que naquele país, falar sobre o direito das mulheres é algo complicado. Simões traça um panorama rápido da situação da mulher no país:

Na visão do indiano, a mulher meio que não serve para nada. (...) A mulher é a que sofre mais. Às vezes, mutilam a menina, cortam a mão, quebram o braço, quebram a perna, ou seja, deixam defeituosas. Essa ideia que aterroriza a gente, de o pai cortar a mão, de quebrar o braço da própria filha, na verdade, é muito bem entendida pelo indiano, porque é aquela menina que vai trazer o sustento para a família, todo o dinheiro vai vir da esmola que o turista dá.<sup>19</sup>

O episódio “Poder” traz perfis de mulheres bem-sucedidas, mas bem diferentes umas das outras. Logo na abertura, Junior questiona se existe um modo feminino de exercer o poder. Aparecem no programa a delegada Marta Rocha (uma das primeiras mulheres a assumir um cargo do gênero no Brasil), a jornalista Lilian Pacce, as políticas Benedita da

---

<sup>19</sup> Depoimento dado no episódio “Índia”, do *Conexões Urbanas*. Disponível em: < <http://vimeo.com/29971132>>. Data de acesso: 25/11/2013

Silva e Marina Silva e a funkeira Valesca Popozuda. O episódio mostra que todas elas, de sua maneira, atingiram o sucesso e têm muito orgulho dele. Valesca diz que muitos a chamam de prostituta, mas responde que é ela quem paga as suas contas e que usa o corpo para fazer um trabalho que adora, que é dançar sensualmente ao som de suas músicas. Sua canções aliás são vistas, por muitos, como feministas, porque exalam a liberdade sexual feminina, que hoje, tem o poder de escolher seu parceiro, mandar nele e dizer como quer fazer sexo. A loira tem, inclusive, uma música chamada “*My pussy é o poder*”.<sup>20</sup>

Nesse programa, vale o destaque para a questão de que, atualmente, as mulheres trabalham mais que os homens e acabam acumulando diversas funções. Além de trabalhar fora, têm que trabalhar em casa e cuidar dos filhos. Segundo Marta Rocha, elas são muito mais cobradas e se uma mulher no poder errar, não está errando sozinha, é uma derrota para muita gente. A deputada federal Benedita da Silva, negra, que nasceu na favela e participa da política nacional também é entrevistada no episódio. Para ela, a presidente Dilma tem o compromisso de avançar a política para as mulheres. “Tanto que 30% do alto escalão é formado por mulheres, isso é novo”, diz Benedita. No entanto, segundo a deputada, o caminho ainda é longo, afinal, no legislativo há apenas 47 mulheres em um universo de 503 homens.

Por fim, o episódio “Prostituição” começa com José Junior gritando “meretriz, prostituta, mulher da vida, rampeira, cortesã, garota de programa, puta, mundana, piranha, ostra, quenga, biscate, mulher dama, galinha, rapariga, polaca, vagabundo, vaca, perdida, profissional do amor”, ou seja, sinônimos e xingamentos feitos a garotas de programa, enquanto caminha com uma senhora de óculos e roupas discretas. É Gabriela Leite, coordenadora das ONGs Davida e Daspu, que lutam pelos direitos das prostitutas. A maneira como o programa começa choca, porque aquelas palavras proferidas não conferem com o visual daquela senhora, que até então o telespectador ainda não foi apresentado. É uma maneira de deixar claro o preconceito que existe para com essas profissionais, que são mulheres comuns, mas que sustentam suas famílias “vendendo” o corpo.

Gabriela conta a história de como entrou “para a vida”. Diz que saiu de uma família extremamente rigorosa e entrou na USP em 1969, em uma época em que começou a liberdade sexual, com o advento da pílula anticoncepcional. Por ser de família de classe média baixa, morava na periferia, tinha que trabalhar para ajudar a mãe, mas não gostava de trabalhar

---

<sup>20</sup> Pussy, em inglês, é uma gíria para vagina.

batendo cartão e resolveu tomar uma decisão radical. Gabriela demonstra ser uma pessoa muito esclarecida e bem resolvida, mas diz que o maior obstáculo da profissão é mesmo o estigma e o preconceito.

Junior relembra que o primeiro contato que teve com a fundadora da Daspu foi em uma palestra, em que ela dizia “Eu sou puta mesmo” e assumia que, às vezes, sente prazer trabalhando, que quer acabar com aquele discurso de que prostituta sempre sofre. O programa busca mostrar a visão das prostitutas sobre a questão, que é bem diferente do que muitos defensores de direitos humanos falam. Para Gabriela Leite, o turismo sexual, por exemplo, não é crime. “Todo mundo ganha dinheiro com o turismo e puta não pode ganhar dinheiro. Que história é essa: existe alguma coisa na lei que diz que turismo sexual é proibido? Isso é uma violação de direitos.”

As entrevistas são feitas sem meias palavras. Uma das entrevistadas é Jane Eloy, prostituta e modelo da Daspu, para quem o apresentador pergunta sem rodeios: “quanto custa o programa?”. Ela responde com espontaneidade e como se falasse o preço de um suco: “É R\$ 30 meia hora”. Junior também fala abertamente sobre o fato de ela ser soropositiva e de que a maioria dos clientes seja casada. Jane relata também que já se apaixonou duas vezes, e que casou e engravidou de cliente. Katiane Gomes, presidente da Aproce (Associação das Prostitutas do Ceará), também foi entrevistada no episódio. A jovem de 23 anos conta que tem nove de profissão e que sua cafetina foi a própria mãe, que a colocou em um quarto com um “coroa”, quando ela tinha 14 anos. Todo o dinheiro tinha que ser dado para a mãe e, assim, sustentou cinco pessoas da família.

Junior entrevista algumas das garotas de programa em cama e em sofá, quase deitado. O clima de intimidade pode se dar pelo fato de o apresentador ter passado boa parte de sua infância e adolescência na região da Lapa, no Rio de Janeiro, em uma época que o local era repleto de prostitutas. O episódio mostra que marginalizar a profissão não é o caminho, porque muitas mulheres optam por se tornar prostitutas, sustentam suas famílias e não se sentem “coitadinhas”. Mas precisam ter seus direitos assegurados pelo Estado.

#### 4.2.4.3 Preconceito racial

Vários episódios do *Conexões Urbanas* exploram a questão do preconceito racial, mas um deles, em especial, o quatro da segunda temporada, foi totalmente dedicado ao tema. “Fashion Black” fala sobre a questão do possível preconceito do mundo da moda com os

modelos negros. Para tratar do assunto, José Junior conversa com o responsável por uma agência de modelos negros, um estilista negro e outro branco e com modelos.

O episódio é aberto com o apresentador pedindo para Oskar Metsavaht (estilista e criador da marca Osklen) e Helder Dias (agente da agência HDA Models) falarem se as seguintes afirmativas eram verdadeiras ou falsas: “O negro não tem alto poder de consumo”, “não há modelos negros em grande quantidade” e “existe racismo na moda brasileira”. As respostas foram opostas. O primeiro respondeu “não” apenas a última afirmação, enquanto Dias disse “sim” apenas à última questão. Isso deixa claro a perspectiva de como o negro vê a situação e como o branco visualiza o panorama. De fato, o *casting* de modelos negras na agência de Dias é enorme e a porcentagem de afro-descendentes na passarela é bem pequena. Segundo ele, a modelo negra recebe menos do que a branca e as negras com pele mais clara conseguem trabalho mais fácil que as demais. Além disso, o agente afirma que as grandes empresas vinculam o negro a pobre e que em propagandas para as classes A e B, eles não aparecem.

Junior é questionador quanto a esse assunto e pergunta a Oskar Metsavaht se não cabe aos estilistas mudarem esse padrão. O dono da Osklen diz que sim, mas que a criação envolve liberdade. O estilista negro Wilson Ranieri, que exhibe seu trabalho no SPFW, deu um depoimento polêmico. Ele disse que as modelos negras são menos preparadas e que as agências especializadas são poucas. Para tentar aumentar o número, foi criada uma cota para que 10% das modelos do SPFW fossem negras. A medida não é obrigatória, é apenas uma sugestão. Ranieri diz que a obrigatoriedade irrita e que quase fez o oposto, ou seja, por pouco não colocou modelo negra alguma em seu desfile, como protesto.

Outro episódio, “Responsabilidade social”, colocou em cheque a questão de o negro não ter tanto espaço em campanhas publicitárias. Nele, José Junior bate de frente com Ricardo Guimarães, presidente da Thymus Branding. Guimarães disse, durante o episódio 23 da primeira temporada do *Conexões Urbanas*, que a sociedade do marketing é muito acrílica e que o publicitário está à mercê de seu cliente. “Se ele quiser loiro de olho azul, vai ter isso na publicidade”, explica. Segundo o publicitário, a propagandas seria um espelho do que a sociedade deseja e consome. Junior rebate: “O funk do Rio de Janeiro há 30 anos que ele faz sucesso e até hoje que não o reconhecem. Então não é um espelho da sociedade. Você não vê campanha de publicidade de funk”. Guimarães pergunta: “Por que não toca funk?” e Junior responde: “Porque é coisa de preto, pobre e favelado”. O apresentador é questionador e diz que esses sons só aparecem nas mídias de preto, pobre e favelado e não se vê campanhas

usando funk no Rio ou hip hop em São Paulo, por puro preconceito<sup>21</sup>. Guimarães discorda. Esse tipo de debate é muito interessante e incomum em programas de TV jornalísticos ou documentais e faz refletir.

Em outro programa da série, da segunda temporada, o “Nós do Morro”, a atriz Roberta Rodrigues afirma que só “perdeu a cor”, ou seja, parou de ser vista como uma atriz negra e passou a ser vista apenas como atriz depois que ficou famosa. Ou seja, segundo Rodrigues, apenas após o reconhecimento profissional seria possível fazer papéis que fogem ao lugar comum do ator negro, como escravos, favelados ou empregados domésticos. Mas isso não significa que não interpretem mais personagens do gênero.

Já Cíntia Rosa diz, no mesmo episódio, que o preconceito social é muito mais forte do que o racial, por ser declarado, ao passo que o racial é mais velado, por ser feio não gostar de negro – além do fato do racismo ser crime inafiançável. Na mesma entrevista, ela afirmou ainda que é muito comum ser chamada para fazer personagens como escrava ou empregada, mas que, já consegue se impor, se colocar em uma posição de negar quando não concorda. “A gente não sabe representar só meninas da favela, assim com os meninos não sabem representar só meninos da favela, bandidos”.

Este capítulo apresentou um relato comentado dos temas e abordagens do programa *Conexões Urbanas*, passando pelas suas temáticas sobre favelas, sistema prisional, preconceito e criminalidade. Depois de ter assistido as cinco temporadas, é possível observar que a atração, de fato, apresenta uma maneira diferenciada de abordar estes temas, um modo mais cru, mais direto e menos dramático que outros programas. Nele, as minorias têm espaço para mostrarem seu rosto e falarem o que querem. É claro que um programa de TV não consegue acabar de fato com o apartheid social nem reduzir na prática a violência ou melhorar as relações entre diversas camadas da sociedade. Mas a preocupação em mostrar um lado menos exposto – ou que quando mostrado é, geralmente, através da voz e visão de terceiros – é de grande utilidade para criar os elos de conhecimento, cultura e afetividade propostos no primeiro episódio.

---

<sup>21</sup> Atualmente, há algumas propagandas com funk, como a da C&A, com uma versão da música “Capa de Revista”, do MC Bola, ou da Claro, com “Se joga”, de Naldo Benny.



#### 4. CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho era analisar as ferramentas usadas por José Junior e a produção do *Conexões Urbanas* para alcançar o objetivo de acabar com o apartheid social e criar elos de conhecimento, cultura e afetividade entre os guetos nos quais a nossa sociedade se subdivide. Podemos observar que a atração se preocupa em mostrar diversos nichos da sociedade que são vistos como minorias sociais e estratos da população que sofrem preconceito e são, em geral, mostrados de maneira estereotipada.

Ao longo da pesquisa e observação dos 85 episódios produzidos em cinco temporadas, foi possível notar que havia certo padrão em relação a comportamentos e à maneira como alguns temas eram apresentados, principalmente sobre projetos sociais e moradores de favela. Principalmente nas primeiras temporadas, nota-se que era comum os episódios contarem com um personagem principal, normalmente uma figura de poder - que auxiliava as pessoas de alguma forma ou que tinha alguma influência - e um personagem secundário. Esses personagens secundários eram, em geral, cidadãos que surpreendiam por não corresponderem aos estereótipos esperados. Costumavam ser meninos, homens ou mulheres pobres, negros, inteligentes, bem articulados e que falavam sem cometer erros.

Para exemplificar, citarei Miguel da Silva e Graciele Alexandre. Miguel é um detento branco e de classe média que admite ter assaltado todos os bancos da Ilha do Governador, bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro, por revolta com o Estado. Inteligente, ele conhece seus direitos, sabe como funciona o sistema de anistia colombiano e, inclusive, mandou uma carta para o então presidente Lula pedindo para ser anistiado. Já Graciele Alexandre aparece no episódio “Rede Cultural Beija-Flor” e surpreende por sua articulação. Moradora de uma casa humilde no favela do Sítio do Caqui, em São Paulo, ela, junto com o companheiro, montou o barraco onde mora. Mas sabe que, como o local é uma área protegida, por ser um manancial, nenhuma melhoria - como água, esgoto, eletricidade - pode ser realizada. Graciele já foi alcoólatra e usuária de drogas e admite que ainda bebe de vez em quando por causa de problemas, como quando os filhos pedem algo simples, como um bolo, e ela não tem como dar. Mostrando sempre segurança no que fala, em português correto e com um vocabulário rico, a mulher também desabafa: “Quando a mãe e o pai têm que trabalhar, o poder público aparece falando que são pais negligentes”. Seu sonho? Ter uma casa e um emprego dignos.

Mostrando personagens como esses, o programa consegue dar exemplos que diferem do que se espera da favela, da cadeia, do negro, do pobre, do gay, do travesti etc. A falta de conhecimento gera o preconceito e, conseqüentemente, separa as pessoas em guetos. A partir do momento em que o *Conexões Urbanas* dá voz e rosto a personagens como esses, os pré-conceitos podem começar a cair e serem substituídos por novos conceitos, pós-conceitos.

Apesar de mostrar ao Brasil retratos de um país que ele mesmo não conhece, em alguns momentos, o programa poderia ser mais crítico e investigar algumas situações mais a fundo. A atração mostra, em alguns episódios, a ação da polícia em certos Estados. No entanto, ficou de fora da atração a Polícia Militar do Rio de Janeiro, uma das mais problemáticas do país, com casos de corrupção e propinas que, inclusive, foram exibidas no filme *Tropa de Elite* (2007), de José Padilha. Do Estado, a atração acompanha apenas a rotina do Core, a Coordenadoria de Recursos Especiais da Polícia Civil, tida como um ótimo exemplo de força policial. O fato de a questão dos problemas da PMERJ não ser explorada, nem mesmo em episódios sobre a implantação de UPPs, cria certo questionamento. Principalmente porque, a partir da quinta temporada, o *Conexões Urbanas* passa a ser apoiado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro. Surge a dúvida se, o polêmico tema não foi explorado devido a essa parceria.

Outra questão que poderia ser mais bem mostrada pelo programa é o fato de que as favelas não são todas iguais. Quem mora em comunidades percebe claramente que há diferenças entre elas. No Rio de Janeiro, é possível perceber que as favelas da Zona Norte têm muito mais carências de serviços do que as das Zona Sul. Além disso, de um modo geral, os moradores da primeira área costuma ter uma condição financeira pior do que os da Zona Sul. Da maneira como o programa passa, parece que as favelas se diferenciam apenas pelos comandos que as dominam ou pelo fato de terem UPPs ou não.

De um modo geral, o *Conexões Urbanas* vem desempenhando bem o papel proposto, de questionar a falta de elos entre ricos e pobres, negros e brancos, da maneira que pode: através da tela da TV. A sexta temporada, no entanto, pode ficar comprometida devido a ameaças de morte a José Junior, apresentador do programa. Se antes, ele tinha acesso irrestrito a qualquer comunidade e facção, atualmente, vive escoltado, 24 horas por dia, por forças policiais e teve as unidades do Complexo do Alemão e da Penha do AfroReggae metralhadas pelo tráfico local.

Essa situação teve início quando o coordenador do GCA denunciou o pastor Marcos Pereira por estupro e ligação com o tráfico. Logo após a denúncia, ele começou a receber

ameaças de morte. Acompanho há alguns anos o trabalho de Junior, e da primeira vez que o vi falando, ele disse que não tinha seguranças ou carros armados por ser um defunto caro. Após as denúncias, em uma palestra na ECO/UFRJ, ele já andava escoltado e em carro blindado e disse que do pastor ele tinha medo, porque era um psicopata. É interessante ressaltar que o Marcos Pereira e José Junior eram amigos e o religioso aparece em diversos episódios da primeira temporada do programa, realizada em 2008. Inclusive, o sétimo episódio é dedicado ao pastor e ao trabalho que ele realizava nas delegacias. No programa há um depoimento de Marina Maggessi, da Polícia Federal, falando que, antes, desconfiava da ligação do religioso com o tráfico, mas que depois de investigações, era testemunha de que ele não teria ligações com o tráfico.

A relação abalada entre José Junior, Marcos Pereira e traficantes é um tema que pode ser explorado, bem como a diferença na forma como o *Conexões Urbanas* será realizado a partir de então. Com Junior sempre acompanhado pela polícia e a relação ruim com o tráfico, é limitada a sua entrada em diversos locais onde tinha acesso livre. É possível analisar se haverá uma mudança temática, de discursos, locações, entre outros aspectos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSEL, Thiago Araujo. *Novos mediadores, representações da favela e produção cotidiana da identidade do favelado*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BENTES, Ivana. "O copyright da miséria e os discursos da exclusão". In: *Lugar Comum - Estudos de Mídia, Cultura e Democracia* no 17, ed; UFRJ, setembro 2001.
- BUARQUE, Cristovam. *Admirável mundo atual: dicionário pessoal dos horrores e esperanças do mundo globalizado*. São Paulo: Geração Editorial, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip-hop invadem a cena*, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.
- HOBBSAWM, Eric J. *Bandidos*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2010.
- HUNGRIA, Nelson. *Revista Brasileira da Criminologia*. In: VENTURA, Zuenir. *Cidade Partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- JUNIOR, José. *Da favela para o mundo: a história do Grupo Cultural Afro Reggae*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- PAIVA, Raquel; SODRÉ, Muniz. *Cidade dos artistas: cartografia da televisão e da fama no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.
- PLATT, Damian; NEATE, Patrick. *Cultura é a nossa arma: AfroReggae nas favelas do Rio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- RIBEIRO, Paulo Jorge. *Entre reflexividade e estetização da violência*. Artigo para o XXIX Encontro Anual da ANPOCS, 2005.
- ROCHA, Adair. *Cidade cerzada*. Rio de Janeiro: Editora Museu da República, 2005.
- ROCHA, Oswaldo Porto. *A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro 1870 – 1920*. Coleção Biblioteca Carioca – Volume 1. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.
- SOVIK, Liv. "A ginga brasileira e o marketing global". *Revista Comunicação, Mídia e Consumo*. (ESPM – SP). Vol. 6, nº17, Nov. 2009.
- VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1994.
- VIANNA, Hermano. "O movimento funk". In: HERSCHMANN, Micael (org.). *Abalando os anos 90. Funk e hip-hop. Globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- YÚDICE, George. "A funkificação do Rio". In: HERSCHMANN, Micael (org.). *Abalando os anos 90. Funk e hip-hop. Globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

Matérias online:

BARREIROS, Regina. “Arrastão apavora a classe média”. *Estado de São Paulo*, Geral. 19/10/1992. Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/arquivo/2012/06/13/arrastao/>. Data de acesso: 8/10/2013.

MARTINS, Danylo. “Muito mais do que um break”. *Portal Negócios da Comunicação*, Reportagem. Disponível em: <<http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/52/artigo255503-1.asp>>. Data de acesso: 10/11/2013

MONTEIRO, Karla. “José Junior”. *Trip*, Páginas Negras. 13/09/2013. Disponível em: <<http://revistatrip.uol.com.br/revista/225/paginas-negras/jose-junior.html#26>>. Data de acesso: 15/11/2013

QUAINO, Lilian. “Classe média na favela sobe de 33 % para 65% em 10anos, diz pesquisa”. *GI, Economia*. 04/11/2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2013/11/classe-media-na-favela-sobe-de-33-para-65-em-10-anos-diz-pesquisa.html>>. Data de acesso: 20/11/2013

RODRIGUES, Edimilson Martins. “Favelas cariocas: a cidade e os morros”. In: “Aventuras na História”. Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/favelas-cariocas-cidade-morros-435499.shtml> Acessado em 21/10/2013.

WAGNER, Carlos; PIOVESAN, Matheus. “Conheça a trajetória da assaltante Gaúcha, morta a tiros no Rio.” *Zero Hora*, Polícia. 18/08/2012. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2012/08/conheca-a-trajetoria-da-assaltante-gaucha-morta-a-tiros-no-rio-3858005.html>>. Data de acesso: 19/11/2013

“Arrastão’ faz 4 feridos em praias do Rio”. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano. 19/10/1992. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/1992/10/19/15/>. Data de acesso: 8/10/2013.

“Não tenho a pretensão de acabar com o tráfico’ no Rio, diz Beltrame”. *Estadão.com.br*, seção Brasil. 30/11/2010. Disponível em :<<http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,nao-tenho-pretensao-de-acabar-com-trafico-no-rio-diz-beltrame,647648,0.htm>>. Data da acesso: 02/11/2013.

Episódios do *Conexões Urbanas* (por ordem de exibição):

“Violência e prevenção” (1ª temporada – episódio 1). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/29166619>>. Data de acesso: 21/10/2013.

“Liberta Moda” (1ª temporada – episódio 3). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/29067360>>. Data de acesso: 11/11/2013.

“Índia” (1ª temporada – episódio 12). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/29971132>>. Data de acesso: 25/11/2013.

“Rede Cultural Beija-Flor” (1ª temporada – episódio 13). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/30027320>>. Data de acesso: 02/12/2013

“Óleo reciclado” (1ª temporada – episódio 14). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/30038518>>. Data de acesso: 25/11/2013.

“O poder da arte” (1ª temporada – episódio 15). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/30338524>>. Data de acesso: 20/10/2013

“Prostituição” (1ª temporada – episódio 16). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/30091021>>. Data de acesso: 20/10/2013

“Talavera Bruce” (1ª temporada – episódio 17). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/30103258>>. Data de acesso: 01/12/2013

“Mulher” (1ª temporada – episódio 21). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/30524309>>. Data de acesso: 01/12/2013

“GLBT” (1ª temporada – episódio 22). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/30550479>>. Data de acesso: 01/12/2013

“Responsabilidade Social” (1ª temporada – episódio 23). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/30561086>>.Data de acesso: 02/12/2013

“O ser humano transformador – Volume I” (1ª temporada – episódio 25). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/30591650>>. Data de acesso: 01/12/2013

“Conflitos II – Bandidos” (2ª temporada – episódio 2). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/31429306>>. Data de acesso: 19/09/2013.

“Fashion Black” (2ª temporada – episódio 4). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/31551582>>. Data de acesso: 19/10/2013.

“Piratária” (2ª temporada – episódio 7). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/31608316>>. Data de acesso: 11/11/2013.

“Nós do Morro” (2ª temporada – episódio 9). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/31743934>>. Data de acesso: 19/10/2013.

“5X Favela” (2ª temporada – episódio 12). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/31845138>>. Data de acesso: 1/11/2013.

“Empregabilidade” (2ª temporada – episódio 13). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/31966323>>. Data de acesso: 19/09/2013.

“Cidade Bangu” (3ª temporada – episódio 1). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/32204395>>. Data de acesso: 30/11/2013.

“Cidade Bangu II: Chapa quente” (3ª temporada – episódio 2). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/32221488>>. Data de acesso: 30/11/2013

“Cidade Bangu III: Papo de futuro” (3ª temporada – episódio 3). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/32233458>>. Data de acesso: 30/11/2013.

“Maras” (3ª temporada – episódio 6). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/32327034>>. Data de acesso: 02/12/2013.

“Complexo” (3ª temporada – episódio 7). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/32327960>>. Data de acesso: 27/11/2013.

“Medellín” (3ª temporada – episódio 10). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/32671759>>. Data de acesso: 27/11/2013.

“Trilogia da Terra – Parte 1” (4ª temporada – episódio 1). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/32675547>>. Data de Acesso: 01/12/2013.

“Trilogia da Terra – Parte 3” (4ª temporada – episódio 3). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/33162491>>. Data de Acesso: 01/12/2013.

“Fronteiras IV” (5ª temporada – episódio 4). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/65147605>>.Data de Acesso: 01/12/2013.

“Homofobia I” (5ª temporada – episódio 6). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/33419181>>. Data de Acesso: 28/11/2013.

“Homofobia II” (5ª temporada – episódio 7). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/33420667>>.Data de Acesso: 28/11/2013.

“Poder” (5ª temporada – episódio 17). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/38887557>>. Data de Acesso: 28/11/2013.

“Presídio Central” (5ª temporada – episódio 8). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/68319031>>. Data de Acesso: 01/12/2013.

“O papel social da imprensa” (5ª temporada – episódio 14). *Conexões Urbanas*. Disponível em: <<http://vimeo.com/69038698>>. Data de Acesso: 01/12/2013.